

COMERCIALIZAÇÃO DIRETA - PRODUTOR/CONSUMIDOR: ALTERNATIVA
DE SOBREVIVÊNCIA OU ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO ? O CASO
DA FEIRA-LIVRE DOS PRODUTORES RURAIS DE SANTARÉM-PARÁ.



A-20840
FC000005433-5

RUBENS CARDOSO DA SILVA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL, COMO REQUISITO
PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA - 1990





D380
55830
lx.2



1990 - 1990

Aos meus pais RAIMUNDO E FRANCISCA e ao meu tio Francisco
(in memoriam), cujas orientações alicerçam minha vida.

Meu reconhecimento.

Agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa. Agradeço também ao Departamento de Economia Agrícola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pelo apoio institucional e ao Departamento de Estatística da UFPE pelo apoio técnico.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa. Agradeço também ao Departamento de Economia Agrícola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) pelo apoio institucional e ao Departamento de Estatística da UFPE pelo apoio técnico.

Aos professores e demais funcionários do Departamento de Economia Agrícola, particularmente a Fernando Cox, a Maria da Glória, aos estudantes de graduação, Alvaro José de Aguiar e a equipe de Alunos de Economia Agrícola, por contribuírem para a realização desta pesquisa. Agradeço também aos meus amigos João e José Vinícius, por serem meus colegas e amigos.

Aos colegas de graduação, Fernando Antônio de Aguiar, Maria da Glória, Roseline Maria Nogueira e Erica Castelo, por serem meus colegas e amigos.

Aos amigos José Vinícius de Aguiar, Maria da Glória, Roseline Maria Nogueira e Erica Castelo, por serem meus colegas e amigos.

A Maria de Nazaré,
Cacá, Vico e Majú,
pelo amor, companheirismo,
estímulo e confiança.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A elaboração deste trabalho passou por circunstâncias, discussões, interesses e opiniões conflitantes que se contrabalançaram de maneira sinérgica. Neste processo, pessoas e instituições em diferentes momentos e sob forma diversas, contribuíram singularmente. Desta feita desejo agradecer com especial ênfase:

À EMATER-Pará - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará, que através de seu programa de capacitação de recursos humanos, me proveu de tempo e de recursos financeiros necessários à realização do curso e deste trabalho.

Aos professores e demais funcionários do Departamento de Economia Agrícola, particularmente a Teobaldo Campos Mesquita, meu orientador de tese, Ahmad Saeed Khan e Antônio de Albuquerque Souza Filho, meus conselheiros, José de Jesus Souza Lemos e José Valdeci Biserra, pelo apoio intelectual e amigo que me dispensaram.

Aos colegas de pós-graduação, Fernando Antônio Teixeira Mendes, Rosalina Ramos Midlej e Erice Castelo Branco, pelas discussões acadêmicas e sinceridade de nossas amizades.

Aos amigos José Vanglésio de Aguiar, Regina de Souza Pessoa, Iraci Pereira Cunha e Gilberto de Souza Pires, pelo convívio e solidariedade.

À bibliotecária Alzira Roza Farias de Almeida pelo apoio prestado e a Aiocledes Josina Quadros pelo trabalho paciente de datilografia.

Aos pequenos produtores rurais do município de Santarém e aos extensionistas rurais: Joaquim de Andrade Cristovam Sena, Mário Tanaka, Djelma Neves Tanaka, Laureano Neto da Silva, Rosana Suely Santana da Silva e Meive Ausonia Piacessi, sem os quais este trabalho não se realizaria.

Finalmente, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, de perto ou de longe, me possibilitaram chegar ao lugar em que estou.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE REFERÊNCIAS

RESUMO

ABSTRACT

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O problema e sua importância

1.2 - Objetivos

1.2.1 - Geral

1.2.2 - Específicas

2 - METODOLOGIA

2.1 - Aspectos técnicos-econômicos da área de estudo

2.1.1 - Aspectos técnicos

2.1.2 - Estrutura agrícola

2.1.3 - Aspectos econômicos

2.2 - O processo de desenvolvimento

2.2.1 - A faixa-livro dos produtores rurais do Município

2.2.2 - Características

2.2.3 - Necessidade dos dados

2.2.4 - População-alvo

2.2.5 - Amostragem

2.4 - Definição e operacionalização das variáveis

2.5 - Método

2.5.1 - O teste "t" de Student

2.5.2 - O teste "F"

2.5.3 - O teste de Chi-Quadrado

2.5.4 - O teste χ^2 de Pearson

2.5.5 - Inquério potencial

SUMÁRIO

	Página
<u>LISTA DE TABELAS</u>	viii
<u>LISTA DE FIGURAS</u>	xv
<u>LISTA DE APÊNDICES</u>	xvi
<u>RESUMO</u>	xviii
<u>ABSTRACT</u>	xix
1 - <u>INTRODUÇÃO</u>	1
1.1 - <u>O problema e sua importância</u>	1
1.2 - <u>Objetivos</u>	6
1.2.1 - <u>Geral</u>	6
1.2.2 - <u>Específicos</u>	6
2 - <u>METODOLOGIA</u>	8
2.1 - <u>Aspectos sócios-econômicos da área de estudo</u>	8
2.1.1 - <u>Aspectos demográficos</u>	8
2.1.2 - <u>Estrutura agrária</u>	10
2.1.3 - <u>Aspectos econômicos</u>	11
2.2 - <u>O processo de comercialização</u>	22
2.2.1 - <u>A feira-livre dos produtores rurais de Santarém</u>	23
2.3 - <u>Natureza dos dados</u>	29
2.3.1 - <u>População estudada</u>	29
2.3.2 - <u>Amostragem</u>	30
2.4 - <u>Definição e operacionalização das variáveis</u>	31
2.5 - <u>Método</u>	34
2.5.1 - <u>O teste "t" de Student</u>	34
2.5.2 - <u>O teste "F"</u>	35
2.5.3 - <u>O teste de CHOW</u>	35
2.5.4 - <u>O teste X^2</u>	36
2.5.5 - <u>Função potencial Cobb-Douglas</u>	36

	Página
2.5.6 - Análise marginal	38
2.6 - <u>Referencial de análise</u>	38
3 - <u>RESULTADOS E DISCUSSÃO</u>	42
3.1 - <u>Comportamento e associação dos fatores de</u> <u>produção</u>	42
3.1.1 - Função de produção dos produtores feirantes	42
3.1.2 - Função de produção dos produtores não feirantes	46
3.1.3 - As diferenças tangíveis	50
3.2 - <u>Renda</u>	54
3.3 - <u>A análise de margens</u>	58
3.4.1 - Nível nutricional	62
3.4.2 - Nível médio-sanitário	63
3.4.3 - Nível habitacional	70
3.4.4 - Nível educacional	70
3.4.5 - Nível de socialidade	73
3.5 - <u>Pontos de estrangulamento</u>	77
3.5.1 - Preço dos produtor	78
3.5.2 - Técnica de produção	92
3.5.3 - Características da unidade de produção ...	95
3.5.4 - Racionalização interacional	107
3.5.5 - Capacidade técnica e administrativa	110
4 - <u>CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES</u>	114
4.1 - Conclusões	114
4.2 - limitações	116
4.3 - Sugestões	117
5 - <u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	119

LISTA DE TABELAS

TABELA		Página
1	População estimada, segundo o local de domicílio, e participação relativa no total-Santarém-PA, 1981/90.....	15
2	População estimada, segundo o local de domicílio e sexo, e participação relativa no total - Santarém-PA, 1981/90.....	16
3	Evolução de variáveis demográficas e taxa geométrica anual de crescimento (Tg) - Santarém-PA, 1970/80.....	17
4	Condição do produtor, número de estabelecimentos, área e incremento ocorrido no período - Santarém-PA, 1970/80.....	18
5	Estrutura fundiária, número de estabelecimentos, área e incremento (%) no período - Santarém-PA, 1970/80/85.....	19
6	Utilização das terras, área irrigada, número de informantes e área - Santarém-PA, 1970/80.....	20
7	Principais lavouras temporárias e permanentes, quantidade produzida, área colhida e incremento (%) no período - Santarém-PA, 1970/80/86.....	21

TABELA

Página

8	Estimativa da função de produção "feirante" - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88....	43
9	Médias geométricas, produtividades médias e marginais dos fatores de produção, na função "feirante" - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.....	45
10	Estimativa da função de produção "não feirante" - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88	47
11	Médias geométricas, produtividades médias e marginais dos fatores de produção, na função "não feirante" - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.....	49
12	Estimativa da função de produção "feirante e não feirante" - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.....	51
13	Resultados do teste "t" de STUDENT, em relação as elasticidades parciais, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes).....	53
14	Análise de variância e de média de algumas variáveis básicas das unidades produtivas, no ano agrícola 1987/88, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA.....	55
15	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) do valor líquido da produção agropecuária em salário mínimo (SM) mensal, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes)-Santarém-PA, 1987/88..	56

TABELA

Página

- | | | |
|----|--|----|
| 16 | Variâncias e médias do valor líquido da produção agropecuária, em salários mínimos (SM) mensal, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1987/88..... | 57 |
| 17 | Composição absoluta (A) e relativa (%) dos custos totais de produção, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), a preços correntes de maio de 1989 - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88. | 59 |
| 18 | Resultados bruto e líquido do processo produtivo, no ano agrícola de 1987/88, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), a preços correntes de maio de 1989 - Santarém-PA..... | 60 |
| 19 | Participação absolutas (A) e relativas (%) , do item "despesa com a alimentação na renda líquida", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém - PA, ano agrícola 1987/88..... | 62 |
| 20 | Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "procedência da água", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989..... | 65 |
| 21 | Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "tipo de tratamento de água", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989..... | 66 |

TABELA

Página

22	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "tipo de reservatório d'agua", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém, 1989.....	67
23	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "destino do lixo", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.	68
24	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "arredores da casa", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.	69
25	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "tipo de construção de casa", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.....	71
26	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "tipo de iluminação", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.	72
27	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "nível de instrução", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.	74
28	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "relacionamento com as organizações", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.....	76

TABELA

Página

29	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável consideração para determinar o que plantar, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém - PA, 1989.....	80
30	Média real, coeficiente de variação e taxa anual de crescimento (tendência) dos preços do arroz beneficiado, farinha de mandioca, feijão, e milho no mercado atacadista de Santarém-PA, em valores constantes de março de 1986, no período de 1982/88.....	82
31	Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços do arroz beneficiado no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.	
32	Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços do feijão no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	85
33	Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços do milho no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	86
34	Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços da farinha de mandioca no mercado atacadista de Santarém - PA , 1982/88.....	87
35	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) das tecnologias usadas, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.....	93

TABELA	Página
36 Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "armazenamento", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.....	96
37 Análise de variância e de média das perdas ocorridas nas unidades agrícolas segundo as categorias de produtores (feirantes e não feirantes), Snatarém-PA - ano agrícola 1987/88.....	97
38 Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da idade dos produtores feirantes e não feirantes - Santarém-PA, 1989.	99
39 Variâncias e médias da idade dos produtores feirantes e não feirantes - Santarém - PA, 1989.....	100
40 Distribuição de frequências absolutas (A) e realtivas (%), da variável "origem da posse da propriedade" segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santa rém-PA, 1989.....	101
41 Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "documentação da propriedade", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes)-Santarém-PA, 1989.....	102
42 Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável "frequência da assistência técnica", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes)- Santarém-PA, 1989.....	105

TABELA

Página

43	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) do atributo "qualidade da assistência técnica recebida", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém - PA, 1989.....	106
44	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "a quem recorre para resolver problemas agropecuários", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.....	111
45	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "tempo de experiência na agricultura", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.....	112

LISTA DE FIGURAS

FIGURA		Página
1	Localização do Município de Santarém no Estado do Pará.....	9
2	Integração interinstitucional.....	24
3	Estrutura organizacional de Feira do Produtor.....	27
4	Evolução do sistema de comercialização e o crescimento do setor agropecuário.....	40
5	Índice de variação estacional das médias mensais dos preços do arroz beneficiado no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.	88
6	Índice de variação estacional das médias mensais dos preços do feijão no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	89
7	Índice de variação estacional das médias mensais dos preços do milho no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	90
8	Índice de variação estacional das médias mensais dos preços da farinha de mandioca no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.	91

LISTA DE APÊNDICES

TABELAS		Página
A ₁	Delimitação das unidades produtivas em classes econômicas.....	125
A ₂	Regulamento da feira do produtor rural de Santarém.....	126
B ₁	Matriz de correlação simples da função "Feirante".....	134
B ₂	Matriz de correlação simples da função "Não Feirante".....	135
B ₃	Matriz de correlação simples da função "Feirante e Não Feirante".....	136
C ₁	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "bem de consumo durável".....	138
C ₂	Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "compartimentos da moradia".....	139
D ₁	Preços médios reais do arroz beneficiado (CZ\$/60 kg) mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	141
D ₂	Preços médios reais do feijão (CZ\$/60 kg) no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	142

TABELA

Página

D ₃	Preços médios reais do milho (CZ\$/60 kg) no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.	143
D ₄	Preços médios reais da farinha de mandioca (CZ\$/60 kg) no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.....	144

RESUMO

O processo de ocupação por que passa a Amazônia desenvolve-se paralelo a um crescente empobrecimento da maior parte da população imigrante, geralmente carente e despreparada para a vivência na floresta tropical úmida, e ao desenvolvimento extensivo do capitalismo que, hoje de forma ampliada, determina todas as relações sociais de produção e de reprodução camponesa.

Este contexto produziu unidades familiares agrícolas de baixa renda que, amiúde, enfrentam restrições de disponibilidade de recursos, imperfeições na tecnologia gerada e imperfeição de mercado, restrições estas que basicamente obstam o bom desempenho destas unidades.

O presente estudo pretende investigar se o fato de eliminar o intermediário no processo de comercialização, através da comercialização direta entre produtores rurais e consumidores, reduz parte das restrições de mercado e concorre para o desenvolvimento destes produtores e seus familiares.

A análise é feita junto ao grupo de produtores rurais, do rol assistido pela EMATER-PA no município de Santarém, que executa a comercialização de sua produção agrícola diretamente com os consumidores na feira-livre de produtores daquele município. A análise não é exaustiva, pois deixa de relacionar parte dos movimentos de transformações pelos quais vêm passando os produtores santarenos. Neste aspecto é necessário se afirmar que apenas é discutido o processo de "comercialização direta" como uma estratégia de desenvolvimento, deixando o caminho aberto para outras pesquisas.

Há evidência de que este processo de comercialização traz vantagens para o produtor rural, aumentando a margem bruta por hectare. Entretanto, em seu conjunto, a estratégia está imperfeita e o redirecionamento nas suas ações é imprescindível.

ABSTRACT

The Amazon occupation process develops itself, of the same time of a increasing impoverishment of the most part of the immigrant population, usually destituted and desprepared to live in the Amazon Forest, also to the extensive captalism's development that, nowadays by an ampliefied way, determines every farmers social relations of production and reproduction.

This contex produced some families farms of low revenues, that often, find some restrictions of financial resources, imperfections in the tecnology produced and imperfections on market. Those restrictions obstruct basi cally the good perfomance of those units.

The purpose of this study is to investigate if the fact of eliminate the intemediate agent in the commercia lization process, by direct commercialization between rural producers and consumers, reduces some of the restrictions and cooperates for the development of those families farms.

The analysis is done with an rural producers group, that receive extension service from EMATER-PA, at Santarém-city, that commercializate their agricultural production directly with consumers at the rural producers free-market of that city. The analysis is not exhaustive, because do not relate some of the transformations movement that santa reno producers are passing through. And so, by this reason it is necessary to affirm that direct comercialization process is only like strategy development, opening spaces for another research.

There are some evidences that this commercialization process is adavantageous for rural producers, increasing the gross margin by hectare. However, as a whole, the strategy is imperfect, and so the readjustment of its actions is ne cessary.

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O problema e sua importância

O empobrecimento absoluto da maior parte da população imigrante que hoje ocupa a Amazônia constitui-se em um dos resultados negativos marcantes do processo de ocupação por que vem passando aquela Região.

Ao servir de panacéia para o recrudescimento dos conflitos sociais, especialmente aqueles ligados à posse da terra, que ocorriam no resto do país, a Amazônia se que-
dou à tática do Governo Federal, o qual, adotando uma política "nova, sistemática e ativa" de colonização, legou àque-
la região um contingente de "desbravadores", geralmente ca-
rentes e despreparados para a vivência na floresta tropi-
cal úmida e para prover seu aproveitamento adequado, dei-
xando-os desprezados e dispersados.

Destarte, segundo observa IANNI (1979), na Amazô-
nia, período compreendido entre 1964-1978, ocorreu princi-
palmente um desenvolvimento extensivo do capitalismo. As
relações capitalistas de produção modificaram a forma ex-
trativista agropecuária e as relações sociais de produção
tradicionais, as quais se voltaram em proveito do capital
e da sua reprodução de forma ampliada ^{1/}. Este foi o qua-
dro geral no qual se integrou a política estatal de ocupa-
ção, inclusive a colonização dirigida, oficial e particu-
lar, cuja "démarche" foi gerar uma diversidade de situa-
ções nas quais o capital subordina a reprodução do traba-
lho camponês.

^{1/} Em verdade, as formas tradicionais de exploração, que ainda hoje permanecem em muitas atividades em função da lógica do capital, eram também executadas em proveito do capital (capital dos serin-
gais, dos castanhais, etc.).

Não obstante, neste ambiente de condições insatisfatórias, o homem sonha em melhorar de vida e, "travestido" de proprietário rural - pequeno produtor - vai constatando que os retornos ao capital e ao trabalho por ele empregado em sua "propriedade" nem sempre são compensatórios; mas a necessidade de sobrevivência o força a continuar lutando contra e/ou a favor de situações que ele pouco compreende.

Uma dessas situações, observada por RODRIGUES (1986), é aquela em que a produção camponesa, para se reproduzir, se subordina ao capital, não só obedecendo à sua lógica, em termos de direção do processo de trabalho, mas também utilizando, como meio fundamental, a tecnologia produzida das relações capitalistas e que lhe aparece como imposição e também como necessidade.

Neste contexto, deve-se considerar o serviço oficial de extensão rural, que fazendo uso de um modelo de ação difusionista ^{2/} busca auxiliar o homem rural na conquista de seu tão almejado bem-estar econômico e social.

Estas e outras circunstâncias promoveram a formação de unidades familiares agrícolas de baixa renda que, amiúde, enfrentam restrições de disponibilidade de recursos, imperfeição na tecnologia gerada e imperfeição de mercado; restrições estas que basicamente obstam o bom desempenho destas unidades.

Várias linhas de investigação têm apontado especificamente esta ou aquela restrição como a causadora principal da fonte de pobreza na agricultura, existindo uma corrente muito forte daqueles que consideram as imperfeições do mercado como a limitação mais importante. As medidas suge

^{2/} "... a lógica do capital exigiu da extensão, como um projeto educativo para a zona rural, que ela fosse um instrumento da reprodução da contradição capital X trabalho no campo, pela ampliação da divisão social e técnica do trabalho neste setor, que necessariamente levaria à expropriação do saber e do trabalho de uma maioria para que ficasse garantido o domínio e o lucro de uma minoría".
FONSECA, 1985. p. 183.

ridas para correção dessas imperfeições preconizam o bom funcionamento dos mercados de capital e crédito, terra, trabalho, demais insumos e produtos.

SCHULTZ (1965) observa que o crescimento do valor dos produtos agrícolas aumentaria os retornos marginais dos fatores agrícolas e isto induziria o produtor a fazer investimentos adicionais nesses fatores. GAL (1981) enfatiza que um mercado de produto da forma organizacional cooperativa facilita o desenvolvimento, à medida que elimina os intermediários, promove distribuição mais equitativa do valor agregado, gera uma demanda adicional pelo incremento da renda e diversifica a produção agrícola. Segundo WEITZ (1978), o agricultor que não tem a convicção de que mudanças em sua propriedade se reverteriam em incremento na sua renda, mostra-se desinteressado em promovê-las, o que evidencia ser a oportunidade de aumentar a renda um dos mais importantes fatores motivacionais para ele.

Por outro lado, nas unidades familiares que produzem basicamente alimentos, os efeitos das imperfeições de mercado mostram-se mais acentuados. Primeiro porque a produção é realizada em pequena escala e segundo porque o produtor retém parte desta produção para a auto-subsistência. Ora, isto implica em se admitir que o excedente que vai para o mercado é pequeno e/ou eventual, e o que se observa em alguns casos é o próprio produtor carregando este excedente para comercializá-lo diretamente, o que em algumas épocas do ano é compensatório, em função de o valor do produto marginal de seu trabalho ser quase nulo. Mas na maioria das vezes este excedente é reunido pelo intermediário que, se aproveitando da dispersão e do baixo poder negociador do pequeno produtor, subordina-o a uma cruel dependência de preços e cotas de produção, impedindo que o estímulo de preços chegue a eles.

Sobre este assunto, LOPES (1973) ressalta que "o

excedente agrícola mobilizado para o setor urbano é resultado da soma dos múltiplos excedentes provenientes de pequenas unidades produtoras - e que são canalizados por intermediários que se apropriam da elevação (sic) dos preços (...)"

Para AMARAL (1975), a comercialização realizada pelo pequeno produtor através de agentes intermediários envolve dois aspectos importantes. O primeiro diz respeito aos custos com que se defrontam os agricultores, decorrentes da relação de dependência que se estabelece. Em muitos casos o agricultor depende exclusivamente do intermediário para a venda do produto. O monopólio das informações confere a esse comprador o poder de fixar o preço que pagará ao agricultor, acarretando uma redistribuição de renda desfavorável ao pequeno produtor; o segundo aspecto se refere aos benefícios decorrentes do relacionamento entre o agricultor e o intermediário. Em alguns casos, além de ter o intermediário como único comprador de seus produtos, o produtor estabelece com este um relacionamento mais pessoal, que possibilita a ocorrência de transações financeiras na forma de pequenos empréstimos e adiantamentos.

Releva notar, entretanto, que nas condições de produção camponesa ^{3/} o trabalho se realiza prioritariamente com o objetivo de produzir os meios de vida, posto que não são o lucro e/ou a acumulação seus orientadores. Mas a necessidade de os camponeses adquirirem os bens necessários para sobreviverem, bem como os meios de produção de que não dispõem, os leva a um processo de auto-expropriação via sobre-trabalho, e de dependência ao capital comercial e usurário.

Neste sentido, a diversificação das atividades produtivas, a especialização, a alocação da força de trabalho,

^{3/} Por produção camponesa entende-se aquela realizada pela família, com seus próprios meios de produção e que se basta a si mesma, com seu trabalho; (ver apêndice A₁ - delimitação das unidades produtivas em classes econômicas).

o mecanismo da "alternatividade", enfim, as ditas "leis" de funcionamento das unidades familiares saem da órbita da decisão autônoma dos membros destas unidades pois, de fato, são determinadas pelos mecanismos do próprio mercado capitalista a que estão submetidas (PACHECO, 1980).

Vários outros estudos, como os de MITTENDORF (1978), HARRISON et alii (1976), RODANTE (1965) e ABBOTT (1962), dentre outros, têm reunido informações e/ou indicadores de que o processo de comercialização é um dos grandes penalizadores do pequeno produtor rural.

Métodos eficazes e políticas racionais de comercialização agrícola, portanto, podem proporcionar a redução de etapas no processo de intermediação, possibilitando ao produtor rural uma remuneração mais justa e transferindo para o consumidor um produto mais barato pela diminuição da margem de comercialização.

O processo de comercialização direta entre produtor e consumidor - feira livre de produtores rurais - é uma das estratégias que vêm sendo realizadas pelo serviço oficial de assistência técnica e extensão rural - ATER - cujo objetivo é minimizar parte das distorções de mercado que penalizam o produtor rural. Não obstante, esta estratégia constitui-se apenas na emblemática de que o "atravessador" é o grande vilão, visto que não contém mecanismos que alteram as estruturas sócio-políticas e econômicas das sociedades rurais.

No Estado do Pará, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER - vem praticando esta estratégia há mais de cinco anos e embora a operacionalização da mesma venha contando com ótima receptividade de produtores e consumidores, a ausência de indicadores mais preciosos não permitem análises prospectivas de longo prazo.

Face a estas questões, e considerando a importância de que se revestem tais indicadores para o processo de planejamento da ATER e a organização dos pequenos produto

res, busca-se neste estudo discutir a aplicabilidade desse processo de comercialização. Vale ressaltar que não se trata de uma avaliação da prática da Extensão Rural, mas sim da adequação de uma estratégia que se descortina como uma saída para resolver o intrincado caminho do desenvolvimento auto-sustentado dos pequenos produtores rurais.

1.2 - Objetivo

1.2.1 - Geral

Analisar a eficácia do sistema de comercialização - "feira-livre de pequenos produtores rurais" - em Santarém-Pará, enquanto instrumento indutor do desenvolvimento verificando os impactos sobre o modo de vida dos produtores rurais.

1.2.2 - Específicos

a) Comparar as unidades agrícolas dos produtores envolvidos na estratégia de comercialização direta - produtores feirantes, com as unidades agrícolas dos produtores não envolvidos - produtores não feirantes, em termos do comportamento e associação das variáveis terra, capital de exploração fixo, capital de exploração variável e mão-de-obra com o valor bruto de produção.

b) Verificar se existe diferença de renda entre os produtores feirantes e os produtores não feirantes.

c) Determinar o resultado econômico das unidades agrícolas, dos produtores feirantes e não feirantes, através da análise marginal.

d) Identificar os benefícios sociais oriundos da utilização dessa estratégia.

e) Identificar os pontos de estrangulamento na execução da estratégia.

f) Recomendar ações ao serviço de ATER, face à realidade estudada.

... ocupa cerca de 3,96% da área territorial do município de Pará. Sua situação geográfica é a seguinte: a norte, limita-se com os municípios de São Domingos do Araguaia e São Félix do Araguaia; a sul, com o município de São Domingos do Araguaia; a leste, com o município de São Domingos do Araguaia; e a oeste, com o município de São Domingos do Araguaia.

1.1.1 - Aspectos Demográficos

De acordo com os dados estatísticos do IBGE (1991), a população do município de Pará em 1991 era de 12.100 habitantes, apresentando uma taxa de crescimento anual de 1,5%.

Constatando-se estes dados, verifica-se que o crescimento da população do município de Pará é lento e estável, o que pode ser explicado pelo fato de se tratar de uma região rural, com baixa densidade populacional.

2 - METODOLOGIA

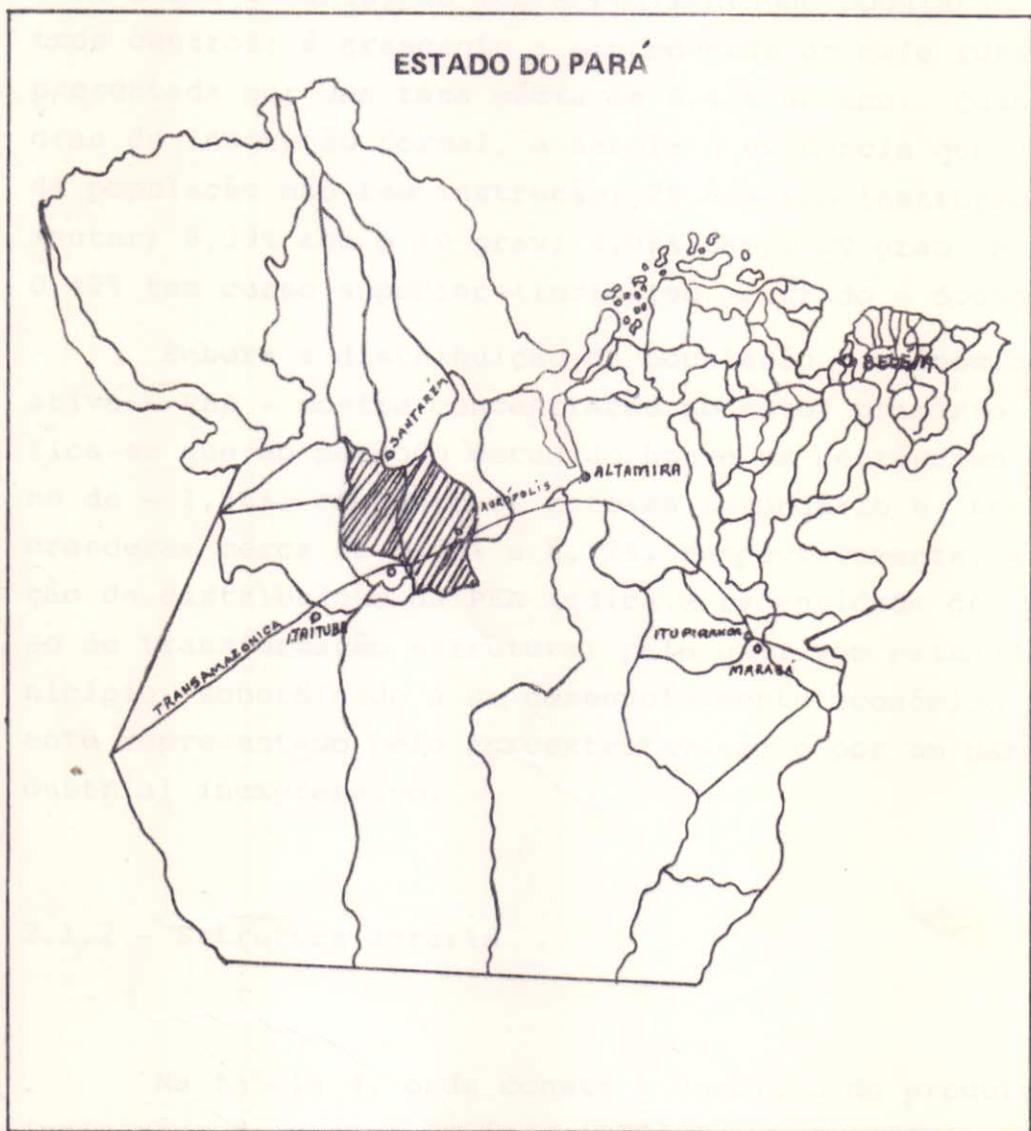
2.1 - Aspectos sócio-econômicos da área de estudo

O município de Santarém, com 26.058 km² de superfície, ocupa cerca de 2,08% da área territorial do Estado do Pará. Sua situação geográfica é um privilégio, na medida em que os três principais meios de transporte - hidroviário, rodoviário e aeroviário - lhe conferem o papel de centro polarizador das microrregiões homogêneas do Médio Amazonas Paraense e Tapajós, num total de 9 municípios, constituindo-o no maior entreposto comercial destas microrregiões e no principal importador e exportador da área. O município, ao mesmo tempo em que demanda produtos manufaturados de vários centros urbanos de maior porte, fornece matéria prima variada aos mercados nacional e internacional.

2.1.1 - Aspectos demográficos

As estimativas referentes ao período 1970-80 (tabela 1) evidenciam um crescimento médio global da população de cerca de 3,21% ao ano, desagregado em uma taxa média de 5,51% ao ano para a população de área urbana e de uma taxa média negativa de 1,3% ao ano, aproximadamente, para a população da área rural.

Considerando-se estas taxas, verifica-se um processo de contínuo esvaziamento do meio rural e o consequente esfalfamento da força de trabalho familiar, na qual a mulher representa 50% (tabela 2), aproximadamente. Hoje (1988), infere-se por estimativa que cerca de 71% da população



(////) Localização do Município de Santarém no Estado do Pará

Figura 1

lação de Santarém vive na sede do município, corroborando a classificação de cidade de médio porte - segundo o quadro nacional de urbanização.

A tabela 3 mostra que crescem os residentes não naturais do município a uma taxa média anual de 9,5%, o que indica que o município vem arregimentando população de outros centros; é crescente a procedência do meio rural, representada por uma taxa média de 6,43% ao ano. Quanto ao grau de instrução formal, a tabela 3 evidencia que 58,48% da população não tem instrução; 29,63% tem instrução elementar; 8,39% tem o 1º grau; 3,08% tem o 2º grau e apenas 0,42% tem curso superior (inclusive mestrado e doutorado).

Embora a distribuição da população economicamente ativa - PEA - mostre concentração no setor primário, verifica-se que no período estudado houve um decréscimo em torno de - 1,46%, enquanto os setores secundário e terciário cresceram cerca de 9,55% e 8,72%, respectivamente. A evolução da distribuição da PEA indica a recentidade do processo de transformação estrutural pelo qual vem passando o município, subordinado a um desenvolvimento econômico incipiente representado pelo agroextrativismo e por um parque industrial inexpressivo.

2.1.2 - Estrutura agrária

Na tabela 4, onde consta a condição do produtor, há indicações de que no período 1970-80, o significativo crescimento da forma jurídica "proprietários" e o decréscimo, tanto no número de estabelecimentos quanto em área, das formas "parceiros" e "ocupantes", constituem-se na resultante do processo de concentração fundiária pelo qual vem passando o município. Os dados da tabela 5 bem evidenciam o crescimento de cerca de 400% no número de estabelecimento do estrato 100 a 1.000 ha. No período 1970-85, este crescimen

to é da ordem de 768,84% e 403,11% para estabelecimentos e área, respectivamente.

Convém notar que o crescimento do número de estabelecimentos compreendidos no estrato inicial da tabela (0 — — 10 ha) foi negativo no período 1970-80, positivo no período 1980-85, e que, embora houvesse decréscimo na participação deste no total de estabelecimentos, ele ainda compunha cerca de 36% deste total.

Verifica-se ainda que os estabelecimentos de até 100 ha participavam com 97% e 61% dos totais de estabelecimentos e área em 1970 e tiveram esta participação reduzida para 81% e 37% em 1985.

Esta situação de posse e de utilização, que veremos logo em seguida, gera distorções alocativas com importantes impactos sobre a absorção de mão-de-obra existente no setor rural. É evidente que a entrada de grandes empresas nos setores madeireiro e pecuário, principalmente, se faz às custas da expulsão dos pequenos agricultores que, por não auferirem rendas suficientes para a permanência no negócio agrícola, vendem suas propriedades e/ou posses, intensificando desta forma o fluxo migratório no sentido rural-urbano, conforme evidenciam os dados da tabela 3.

2.1.3 - Aspectos econômicos

Do ponto de vista estrutural, observa-se na tabela 3 o efetivo crescimento da PEA do setor terciário, embora a maior parcela ainda exerça atividades primárias. Todavia, em termos de renda, pode-se creditar ao setor terciário a maior participação em sua composição; isto em função da própria vocação do núcleo urbano principal que, como já foi referido, é o verdadeiro entreposto comercial das duas microrregiões, além do que concentra boa parte das Unidades Regionais dos serviços públicos estadual e federal.

A tabela 6 mostra que a área utilizada com lavouras temporárias cresceu 76,05% entre 1970 e 1980. Logo em seguida, (1980-86) as lavouras de arroz, feijão, juta e milho sofreram um decréscimo acentuado na área colhida. Não obstante, a lavoura de mandioca teve um crescimento em área colhida (1980-86) em torno de 459,47% (tabela 7), refletindo desta forma a preferência dos produtores por cultivos menos dependentes de tecnologias e/ou insumos modernos e que apresentam efeito negativo quando substituído por outras atividades. Neste caso, pode-se inferir que a queda na produção de arroz e o concomitante crescimento da produção de mandioca, cerca de 818,06%, devem-se aos melhores preços da farinha em relação aos do arroz, uma vez que é grande a importação de farinha pelo mercado do Estado do Amazonas.

Chama atenção o crescimento, em área, das pastagens e florestas plantadas, cujos índices são, respectivamente, 311,00% e 360,00%. Destarte, considerando-se que o efetivo do rebanho bovino cresceu no mesmo período apenas 51,68%, pode-se inferir que parte dessas terras servem apenas aos interesses dos grandes especuladores imobiliários.

A agricultura praticada em Santarém, especialmente a de lavouras temporárias, ainda é acompanhada por práticas de cultivo inapropriadas às características edafoclimáticas da região, prevalecendo as práticas primitivas de derrubar a mata e queimar toda a vegetação sobre o solo. A utilização de sementes, amiúde não selecionadas, junta-se ao solo mal preparado, por vêzes coberto de restos vegetais carbonizados, determinando assim, em grande parte, os baixos rendimentos das lavouras. É importante notar que a utilização de fertilizantes, irrigação, drenagem e práticas fitossanitárias só ocorrem em proporções insignificantes. Por outro lado, o clima tropical úmido, catalizador no processo de decomposição orgânica, tem nas fortes chuvas o caminho mais curto para o empobrecimento do solo e o açoreamento dos pequenos rios e igarapés, cuja consequência mais aguda é a

prática de uma agricultura extensiva e itinerante que ocupa, quando muito, por dois ou três anos consecutivos a mesma área. O crescimento das terras em descanso e terras produtivas não utilizadas, bem como o decréscimo na área de pastagens naturais e o crescimento na área de pastagens plantadas (ver tabela 6), dão um testemunho para esta assertiva.

As lavouras permanentes são as merecedoras de melhores cuidados. A pimenta-do-reino mostrou uma expansão de 73,91% e 553,48% em termos de área colhida e quantidade produzida, respectivamente, no período de 1980-86 e, embora não se tenha estudado a decomposição da fonte de crescimento desta produção, pelas evidências pode-se inferir que grande parte deste crescimento foi devido ao aumento de produtividade, uma vez que a expansão da fronteira agrícola para essa cultura foi obstada pela falta de mudas.

Já o cacau (tabela 7) teve um crescimento acentuado em área e produção, apresentando índices de 945,45% e 836,76%, respectivamente, crescimentos estes devidos à expansão da fronteira agrícola e à entrada das lavouras em seu estágio vegetativo de melhor produção.

A citricultura, representada na tabela 7 somente pela cultura da laranja, é uma das que também experimentaram crescimento acentuado, acarretando inclusive problemas de mercado, com queda significativa no preço pago ao produtor, em virtude da grande oferta desse produto, por ocasião do período de safra.

À semelhança da agricultura de lavouras temporárias, a pecuária, praticada em solos de várzeas e terra firme, é extensiva e de rendimento insatisfatório. Verifica-se que as pastagens plantadas têm uma capacidade de suporte bastante reduzida, face à não aplicação de técnicas racionais de manejo, tanto do rebanho, quanto das pastagens.

No que concerne à indústria, a prefeitura municipal tem cadastrados (em 1988) 127 estabelecimentos, os quais, na grande maioria, utilizam-se de matérias primas locais;

não há um registro atualizado da mão-de-obra total empregada. Sabe-se, porém, que as três principais indústrias - textil, derivados de borracha natural e de refrigerantes - empregam cerca de 625 pessoas. Todavia pode ser dada uma visão da situação de emprego na tabela 3, que mostra a evolução das variáveis demográficas no período 1970-80.

O extrativismo vegetal e animal é bastante diversificado, destacando-se a madeira, como a principal atividade de em termos de valor econômico, e a pesca como a que envolve o maior número de pessoas. A maior parte da produção dessas atividades é para exportação. No caso da madeira, cujo volume produzido, apenas da extração que é controlada pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis), registrou no ano de 1986 39.128.704 metros cúbicos em tora e 31.275.436 metros cúbicos serrada, quase a totalidade vai para o exterior. Já o pescado, comercializado pelo entre-posto da SUDEPE, é exportado para os estados do Sudeste.

Dando uma visão muito sincrética da vida econômica do município de Santarém, é importante registrar os dados do Cadastro Econômico da Prefeitura Municipal em 1988. O registro de estabelecimentos do comércio atacadista e varejista, inclusive pequenos bares e mercearias, totaliza 3.030 unidades. Destas, 200 unidades são constituídas por farmácias.

Com relação ao consumo de hortigranjeiros estima-se, a partir dos dados do Estudo Nacional de Despesa Familiar - ENDEF - que enquadra o Estado do Pará na região VII, um consumo de 70 quilos per capita/ano. Assim, o consumo médio mensal para a população de Santarém no ano de 1988 (tabela 1) é da ordem de 1.482.454 kg.

TABELA 1 - População estimada, segundo o local de domicílio, e participação relativa no total - Santarém-PA, 1981-1990.

Anos	Total	Urbana	%	Rural	%
1981	198.803	118.507	59,61	80.296	40,38
1982	205.901	125.785	61,09	80.116	38,91
1983	213.252	133.496	62,60	79.756	37,40
1984	220.865	141.685	64,15	79.180	35,85
1985	228.750	150.381	65,74	78.369	34,26
1986	236.917	159.611	67,37	77.306	32,63
1987	245.375	169.407	69,04	75.968	30,96
1988	254.135	179.801	70,75	74.334	29,25
1989	263.208	190.826	72,50	72.382	27,50
1990	272.605	202.519	74,29	70.086	25,71

Fonte: IDESP (1987).

TABELA 2 - População estimada, segundo local de domicílio e sexo, e participação relativa no total - Santarém-PA, 1981-1990.

Anos	Total		Urbana		Rural	
	Homens	Mulheres	Homens (%)	Mulheres (%)	Homens (%)	Mulheres (%)
1981	100.166	90.637	57.751	60.756	42.415	37.881
1982	103.792	102.109	61.135	64.650	42.657	27.459
1983	107.549	105.703	64.718	68.778	42.831	36.925
1984	111.442	109.423	68.518	73.175	42.932	36.248
1985	115.476	113.274	72.625	77.856	42.951	35.418
1986	119.656	117.261	76.775	82.836	42.881	34.425
1987	123.988	121.387	81.274	88.133	42.714	33.254
1988	128.476	125.659	86.037	93.764	42.439	31.895
1989	133.127	130.081	91.079	99.747	42.048	30.334
1990	137.946	134.659	96.416	106.103	41.530	28.556

Fonte: IDESP (1987)

TABELA 3 - Evolução de variáveis demográficas e taxa geométrica anual de crescimento (Tg) - Santarém-PA, 1970-1980.

Variáveis	1970		1980		Tg
	Absoluto-A	(%)	Absoluto-B	(%)	
<u>Migração</u>					
- População residentes segundo local de nascimento	135.215	100,00	191.945	100,00	3,75
. natural do município	120.461	89,09	155.321	80,92	2,57
. não natural do município	14.754	10,91	36.624	19,08	9,52
- População segundo zona de procedência	20.134	100,00	36.400	100,00	6,10
. procedente da zona urbana	9.781	48,58	17.100	46,98	5,75
. procedente da zona rural	10.353	51,42	19.300	53,02	6,43
<u>População economicamente ativa (PEA)</u>					
- PEA total	39.887	100,00	53.322	100,00	2,95
. PEA setor primário	27.144	68,06	23.420	43,92	1,46
. PEA setor secundário	3.421	8,58	8.519	15,98	9,55
. PEA setor terciário	8.563	21,47	19.764	37,07	8,72
<u>Grau de instrução</u>					
- Total de pessoas de 5 anos ou mais, segundo grau de instrução.	61.001	100,00	99.980	100,00	5,06
. elementar	10.209	16,74	29.620	29,63	11,24
. 1º grau	1.694	2,78	8.386	8,39	17,34
. 2º grau	548	0,90	3.076	3,08	18,83
. superior (inclusive mestrado e doutorado)	127	0,21	420	0,42	12,70
. sem instrução e menos de 1 ano de estudo	48.423	79,37	58.478	58,48	1,90

Fonte: IDESP (1987).

TABELA 4 - Condição do produtor, número de estabelecimentos, área e incremento ocorrido no período - Santarém-PA, 1970-1980.

Discriminação	Proprietários		Arrendatários		Parceiros		Ocupantes	
	Estabelecimentos	Área (ha)						
1970	1.452	85.411	81	680	25	1.730	9.216	181.035
1980	5.986	218.337	113	754	22	408	6.982	207.550
Δ %	312,25	155,63	39,50	39,50	10,88	-12,00	-76,41	14,64

Fonte: Fundação IBGE (1983).

TABELA 5 - Estrutura fundiária, número de estabelecimentos, área e incremento (%) no período - Santarém-PA, 1970-1980-1985.

Estratos	1970		1980		1985		Incremento (%)	
	Estabele- cimentos Nº	Área (ha)	Estabele- cimentos Nº	Área (ha)	Estabele- cimentos Nº	Área (ha)	(85 / 70)	(Nº) (ha)
0 — 10	5.142	24.460	5.132	25.464	5.411	24.021	5,23	-1,79
10 — 100	5.292	140.728	6.350	181.252	6.905	199.717	30,48	41,91
100 — 1.000	321	62.598	1.606	187.796	2.789	314.943	768,84	403,11
1.000 — 5.000	10	29.072	14	19.032	18	31.402	80,00	8,01
5.000 — A mais	1	12.000	1	13.500	1	30.000	0,00	150,00
T O T A L	10.774	268.857	13.103	427.050	15.125	600.084	40,38	123,19

Fonte: Fundação IBGE (1983, 1986).

TABELA 6 - Utilização das terras, área irrigada, número de informantes e área - Santarém-PA, 1970-1980.

Discriminação	1970		1980		Informantes	Área (ha)	Informantes	Área (ha)
	Informantes	Área (ha)	Informantes	Área (ha)				
Lavouras permanentes	4.854	12.204	7.478	13.681	54,05	12,10		
Lavouras temporárias	10.056	22.962	12.249	40.425	21,80	76,05		
Pastagens naturais	1.769	45.817	2.186	35.543	23,57	-22,42		
Pastagens plantadas	578	6.771	1.365	27.872	136,16	311,63		
Matas e florestas								
- naturais	4.280	82.335	7.428	171.638	73,55	108,46		
- plantadas	17	150	5	690	-70,58	360,00		
Terras em descanso e terras produtivas não utilizadas	11.860	87.094	17.462	117.018	47,23	34,35		
Irrigadas	-	-	4	12	-	-		

Fonte: Fundação IBGE (1983).

TABELA 7 - Principais lavouras temporárias e permanentes, quantidade produzida, área colhida e incremento (%) no período - Santarém-PA, 1970-1980-1986.

Discriminação	1970		1980		1986		(80/70)		(86/80)	
	Quantidade Produzida (t)	Área Colhida (ha)								
Temporárias										
- Arroz (em casca)	10.368	5.634	20.086	11.708	1.950	1.500	93,73	107,80	-90,29	-87,18
- Cana-de-Açúcar	1.910	97	927	119	8.500	170	-51,46	22,68	816,93	42,85
- Feijão	1.206	1.924	1.612	2.313	430	1.060	8,79	20,21	-73,32	-54,17
- Juta (fibra)	41.718	-	3.437	1.857	1.494	1.245	-91,76	-	-56,53	-32,95
- Mandioca	55.716	7.340	81.694	8.937	750.000	50.000	46,62	21,75	818,06	459,47
- Milho	3.304	3.929	4.769	5.068	5.160	4.300	44,34	28,98	8,19	-15,15
Permanentes										
- Banana (1.000cachos)	351	634	469	494	259	1.145	33,61	-22,08	437,10	121,78
- Cacaú (amendoas)	20	39	68	110	637	1.150	240,00	182,05	836,76	945,45
- Café (em coco)	129	336	162	361	24	37	25,58	7,44	-85,18	-89,75
- Laranja (1.000frutos)	9.603	120	10.692	139	26.400	220	11,34	15,83	146,91	58,27
- Pimenta-do-Reino	8	-	473	483	3.091	840	5.812,00	-	553,48	73,91

Fonte: Fundação IBGE (1983, 1986).

2.2 - O processo de comercialização

O processo de comercialização de produtos agrícolas - "... desempenho de todas as atividades implicadas no curso de mercadorias e serviços, desde o ponto de produção inicial agrícola até que eles cheguem às mãos do último consumidor", (KOHLS, apud STEELE et alii, 1971, p. 23), consubstancia-se por inúmeras funções: compra, venda, armazenagem, transporte, beneficiamento, embalagem, padronização, classificação, financiamento, informação de mercado e criação da procura. Tais funções caracterizam os agentes - responsáveis pelo desempenho das atividades comercializadoras - cuja importância, tendências e eficiência determinam a organização do mercado.

Dentre as formas contemporâneas de organização dos mercados, as feiras-livres se apresentam como uma das mais elementares, das mais disseminadas em nosso país e, certamente, a mais enraizada na cultura popular (CASTRO, 1979).

Contudo, sabe-se que, com o aumento das concentrações urbanas, as feiras-livres cedem espaço a outras formas de organização de mercados permanentes, quer sejam: mercados varejistas centrais (shopping centers) e mercados varejistas periféricos (supermercados), os quais ampliam seus serviços e se interrelacionam complementarmente com outros tipos de lojas.

Não obstante, as feiras-livres, de um modo geral, nada perdem em importância frente ao surgimento de mercados mais especializados. A pequena imobilização de capital, bem como a grande mobilidade e facilidade de se adaptar a novos locais de venda, lhes conferem um caráter de excepcionalidade interacional ao suprimento do abastecimento "in natura" às populações de baixo poder aquisitivo, principalmente

àquelas localizadas em áreas periféricas das grandes concentrações urbanas.

Por outro lado, o confronto estabelecido de forma direta e ativa entre os vendedores e os compradores cria uma relação social na qual cada indivíduo tem, ao seu livre arbítrio, o exercício pleno de sua capacidade de decisão: o que escolher, de quem comprar, pra quem vender.

Esta peculiaridade das feiras-livres impede que indivíduos isoladamente possam influenciar no preço dos produutos e assim, dadas as condições de excepcionalidade já referidas e dada a eliminação da intermediação, estabelece-se um mercado competitivo que reflete uma redução da margem total de comercialização e, por conseguinte, uma redução no preço final pago pelo consumidor.

2.2.1 - A feira-livre dos produtores rurais de Santarém

Iniciada em 17.06.83, a feira-livre dos produtores rurais de Santarém constitui-se na resultante de um processo de discussão entre os extensionistas e os produtores rurais.

Os estudos em que se baseava esta discussão "(...) demonstravam uma situação de exploração dos produtores, onde o preço era ditado pelos próprios intermediários que obtinham ganhos de cerca de 300%. A exploração era sofrida também pelos consumidores, que sequer tinham conhecimento da intermediação (sic)" (PIACESI, 1986, p. 6).

Articulações foram buscadas pela EMATER visando a racionalização interacional de outras instituições ao processo de comercialização direta "feira dos produtores rurais".

A figura 2 sintetiza esta articulação.

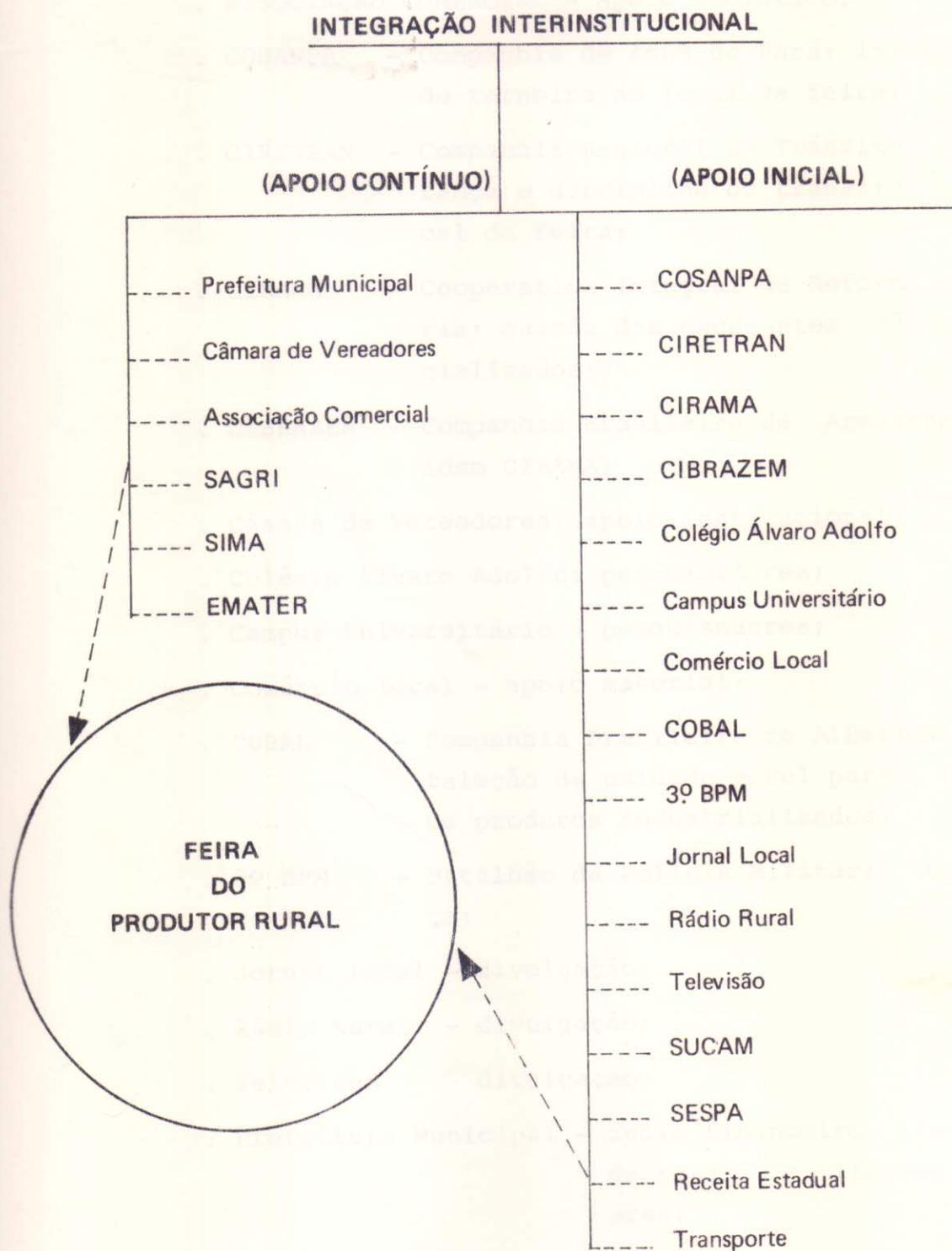


Figura 2

Os papéis assumidos pelas instituições foram os seguintes:

- . ASSOCIAÇÃO COMERCIAL - Apoio logístico;
- . COSANPA - Companhia de Água do Pará: instalação de torneira no local da feira;
- . CIRETRAN - Companhia Regional de Trânsito: segurança e disciplina do trânsito no local da feira;
- . CIRAMA - Cooperativa Integral de Reforma Agrária: guarda dos excedentes não comercializados;
- . CIBRAZEM - Companhia Brasileira de Armazenagem: idem CIRAMA;
- . Câmara de Vereadores: apoio institucional;
- . Colégio Álvaro Adolfo: pesquisadores;
- . Campus Universitário - pesquisadores;
- . Comércio local - apoio material;
- . COBAL - Companhia Brasileira de Alimentos: instalação de unidade móvel para venda de produtos industrializados;
- . 39 BPM - Batalhão da Polícia Militar: segurança;
- . Jornal local - divulgação;
- . Rádio Rural - divulgação;
- . Televisão - divulgação;
- . Prefeitura Municipal - apoio financeiro (isenção de taxas) e limpeza da área;
- . SUCAM - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública: campanha de saúde junto aos produtores, na feira;

- . SESPA - Secretaria Estadual de Saúde: carteira de saúde e fiscalização;
- . SAGRI - Secretaria de Agricultura: apoio institucional;
- . SIMA - Sistema Nacional de Informação de mercado Agrícola: informação de preços;
- . Receita Estadual - isenção de taxas e fiscalização;
- . Transportes - diversas empresas: mudança de itinerários; redução no preço cobrado por volume e adequação de horários.

Desta maneira, os produtores e os extensionistas envolveram um número expressivo de instituições formais em boa parte do processo de "formação" da feira-livre. Além do que, na operacionalização, havia comprometimento de boa parte dessas instituições.

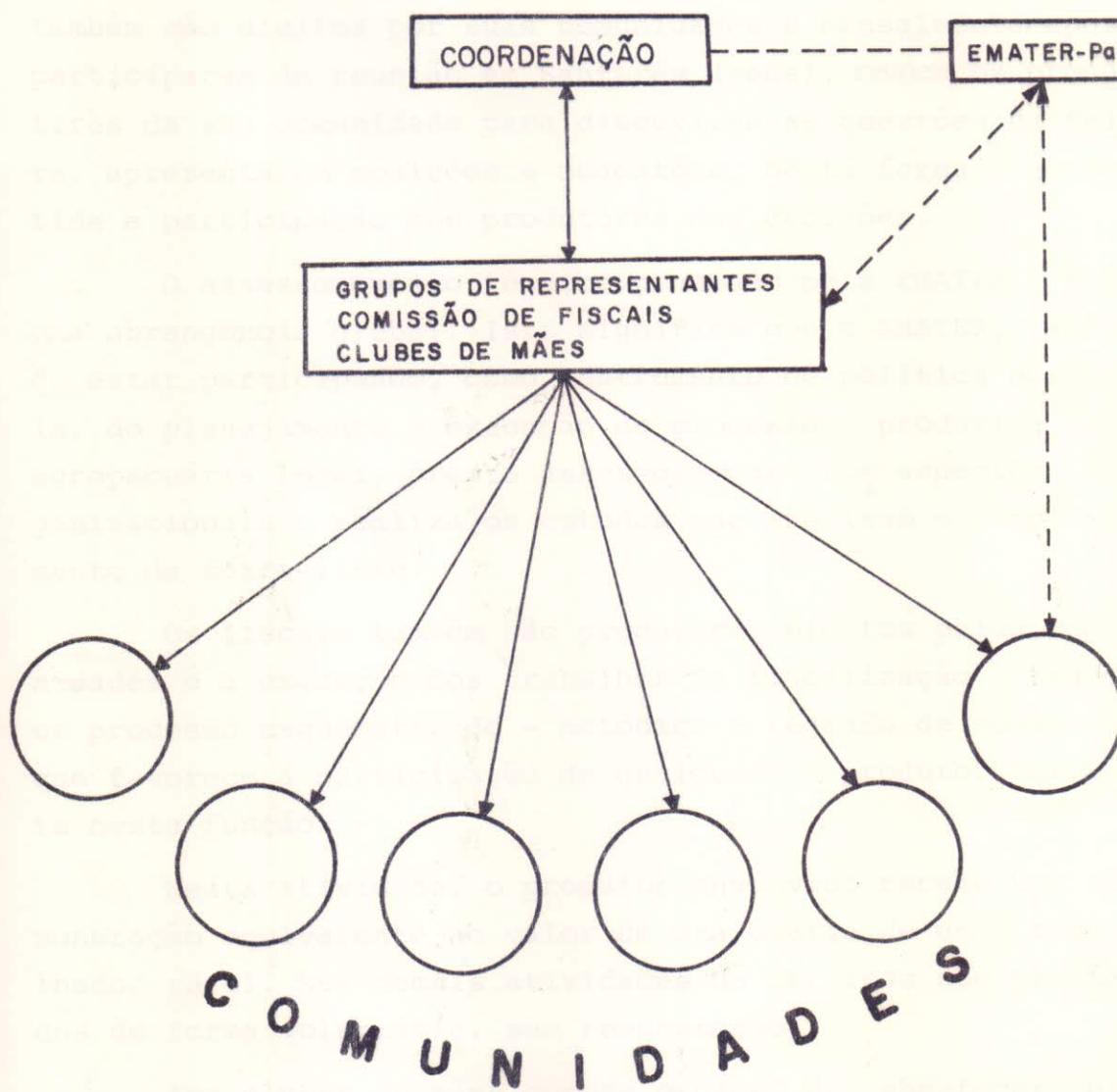
A feira-livre do produtor rural de Santarém, portanto, além de buscar a eliminação da intermediação, procura fazer com que a sociedade urbana participe da resolução dos problemas do meio rural.

A estrutura organizacional da feira-livre (figura 3) - concebida pelos próprios produtores - demarca nitidamente o âmbito de autoridade; adequa as instruções e/ou resultados da problematização dos assuntos de interesse a um canal de comunicação definido e evidencia um processo dialético onde as decisões são o resultado de consulta a todos os elementos interessados.

A existência desta estrutura pode, ainda, permitir que os produtores feirantes respondam com maior brevidade às mudanças na natureza ou no volume da demanda.

As setas em mão-dupla evidenciam o dialogismo do binômio ação/reflexão fazendo com que o poder de decisão seja fruto da participação dos produtores nas discussões.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL



Fonte: PIACESI, 1986.

Figura 3

A coordenação da feira é eleita por via direta, pelos próprios produtores, e mensalmente ela se reúne para montar seu programa de trabalho que, dentre outras atividades, inclui reuniões também mensais com os representantes das comunidades, fiscais e clube de mães. Os representantes também são eleitos por suas comunidades e mensalmente, após participarem da reunião em Santarém (sede), reúnem os produtores da sua comunidade para discutirem as questões da feira, apresentarem posições e sugestões. Desta forma é garantida a participação dos produtores nas decisões.

O assessoramento técnico prestado pela EMATER tem uma abrangência global. Isto significa que a EMATER, além de estar participando, como instrumento de política agrícola, do planejamento e execução do processo produtivo da agropecuária local, presta assessoramento nos aspectos organizacionais e realiza os estudos que analisam o comportamento da feira-livre.

Os fiscais também são produtores eleitos pelas comunidades e a execução dos trabalhos de fiscalização segue um processo esquematizado - metódico e regrado de rodízio, que favorece a participação de qualquer produtor feirante nesta função.

Nesta atividade, o produtor envolvido recebe uma remuneração equivalente ao valor de uma diária de um trabalhador rural. Nas demais atividades os serviços são prestados de forma voluntária, sem remuneração.

Aos clubes de mães cumpre o papel de abastecer os feirantes com alimentação (café, merenda, almoço etc.), de forma oportuna e a preços acessíveis.

Segundo PIACESI (1986), a feira iniciou com 45 produtores e funcionava em apenas um dia por semana. No final do mês de dezembro/88, a feira tinha em seus registros um total de 1.859 produtores inscritos e 1.711 dependentes,

sem repetições, e já funcionava durante 3 dias por semana, no horário de 04:00 às 12:00 horas. Até aquela data somente 63 produtores haviam pedido desligamento da organização.

O regulamento da feira-livre do produtor rural de Santarém (apêndice A₂) contém as especificidades da organização - normas e rotinas - e é o balizador de toda a estrutura.

2.3 - Natureza dos dados

Os dados são primários, resultantes de pesquisa direta realizada através da aplicação de questionários específicos e de entrevistas com gravador (para perguntas abertas), junto aos produtores amostrados. Dizem respeito ao ano agrícola 1987/88 e foram coletados pelo autor e por mais 5 extensionistas da EMATER-PA. Recorreu-se, ainda, às informações armazenadas nos relatórios da EMATER-PA, Escritório Local de Santarém, e aos arquivos da Associação dos Produtores Rurais de Santarém - APRUSAN.

2.3.1 - População estudada

Os produtores entrevistados são todos assistidos ^{4/} pela EMATER-PA, escritório local de Santarém, e foram divididos em 2 grupos:

a) produtores rurais envolvidos no processo de comercialização direta "feira-livre de produtores rurais" (grupo experimental).

^{4/} Por produtor assistido entenda-se aquele que recebe regularmente visita dos extensionistas e/ou que frequenta as reuniões grupais e/ou procura o escritório da EMATER para equacionar problemas agropecuários.

b) produtores rurais não envolvidos neste processo (grupo de controle).

São produtores classificados juridicamente como proprietários e que cultivam preferencialmente o arroz, o milho, o feijão e a mandioca. Esta escolha buscou eliminar os vieses causados pela diversidade na posse e no uso da terra.

2.3.2 - Amostragem

O tamanho da amostra foi determinado tomando-se como variável relevante a área plantada com as lavouras temporárias (arroz, milho, feijão e mandioca). A amostra, do tipo aleatório simples, foi obtida através da seguinte equação (YAMANE, 1974):

$$n_1 \geq \frac{s^2 z^2}{d^2} \quad (1)$$

onde n_1 é o tamanho da amostra para população infinita;

s^2 é a variância da área plantada com lavouras

$$(s^2 = 63,07);$$

z é o valor da normal padronizada, que para 5% de nível de significância é 1,96;

d é o desvio máximo do estimador médio em relação ao verdadeiro parâmetro desconhecido, com a probabilidade de erro não superior a 5% (na presente pesquisa adotar-se-á o valor 2 para o desvio "d").

Considerando que a equação (1) refere-se a população infinitas e como a população é conhecida ($N = 1.859$), faz-se necessária a seguinte correção:



$$n_0 \geq \frac{n^1}{1 + \frac{n_1}{N}} \quad (2)$$

Por esta equação, a amostra que satisfaz aos requisitos probabilísticos pré-estabelecidos seria de pelo menos 58 produtores. Entretanto, face à possibilidade de serem aplicados mais questionários, optou-se por entrevistar 160 produtores - 80 feirantes e 80 não feirantes - e destes, retirados aqueles incompletos e/ou capazes de viesar as análises, restaram 136, que compuseram 2 amostras de 68 produtores cada uma.

2.4 - Definição e operacionalização das variáveis

Para aferir as diferenças existentes entre os 2 grupos de produtores - 68 produtores feirantes e 68 produtores não feirantes - analisaram-se as seguintes variáveis:

a) renda dos produtores - baseada na situação econômica das propriedades, no ano agrícola de 1987/88. O conceito de renda incluiu todos os rendimentos (provenientes da venda de produtos animais e vegetais, do arrendamento da terra, aluguel de máquinas), o autoconsumo, a variação líquida do inventário e as deduções de todos os recursos e serviços utilizados no processo de produção, avaliados pelos preços de mercado (maio/89).

b) valor bruto da produção (Vp) - é o valor da produção total da agropecuária, exceto animais de tração, produção e engorda, no ano agrícola 1987/88, em valores correntes de maio de 1989.

c) terra (Tr) - medida em hectares, correspondente à área total ocupada com culturas, exceto pastagem, no ano

agrícola 1987/88.

d) capital de exploração variável (Kv) - representa o somatório de todas as despesas relacionadas com a produção agropecuária e com a comercialização (exceto para os não feirantes) ^{5/}, no ano agrícola 1987/88, em valores correntes de maio de 1989.

e) capital de exploração fixo (Kf) - representa o fluxo de exploração, isto é, 12% do valor de mercado de todos os investimentos existentes em bens móveis, imóveis e semoventes, considerando-se, conforme o caso, seu estado de conservação e/ou uso.

f) mão-de-obra (Mo) - representa a agregação de mão-de-obra familiar efetivamente ocupada e mão-de-obra contratada no ano agrícola considerado. Medida em equivalentes homem/dia, de acordo com a seguinte correspondência: homem adulto = 1 homem/dia; mulher adulta = 0,75 homem/dia; crianças de 07 a 14 anos = 0,5 homem/dia e adultos com mais de 60 anos = 0,5 homem/dia.

g) margem bruta ou quase renda (Mb) - constitui-se no resultado do valor bruto da produção menos os custos variáveis, a preços correntes de maio de 1989.

h) margem líquida (Ml) - é o resultado da subtração entre o valor bruto da produção e os custos totais, a preços correntes de maio de 1989.

i) custo variável (Cv) - é o somatório de todas as despesas efetuadas com insumos, mão-de-obra e mais custos alternativos (6% a.a. sobre o montante de insumos + mão-de-obra), a preços correntes de maio de 1989.

j) custo fixo (Cf) - é o somatório dos gastos com depreciação, mão-de-obra fixa e os custos alternativos

^{5/} O custo de comercialização dos produtores não feirantes não foi considerado, em virtude da imprecisão dos cálculos, uma vez que as transações são realizadas tanto nas propriedades como na sede do município.

(12% a.a. sobre o valor do capital), a preços correntes de maio de 1989.

k) benefícios sociais, caracterizados pelo acesso dos produtores e familiares à melhoria das condições de vida, nos aspectos de nutrição, saúde, habitação e educação.

Para analisar os pontos de estrangulamento serão consideradas as seguintes variáveis:

a) preço dos produtos - comportamento do preço dos principais produtos comercializados, segundo as informações do S.I.M.A., verificando o papel alocativo que o preço representa sobre a maneira de o produtor combinar seus recursos e seus produtos e sobre sua decisão a respeito de quanto irá produzir para vender.

b) técnica de produção - analisada a partir do levantamento dos gastos com insumos modernos (pesticidas e fertilizantes químicos) em NCR\$/ha, utilização de técnicas de produção não tradicionais (mecanização, irrigação e drenagem, rotação de cultura etc) e intensidade de uso de mão-de-obra.

c) características da unidade de produção - determinada segundo a idade do chefe de família, forma de acesso à terra, distância da propriedade à sede do município, educação, escala de operação e volume de informações.

d) racionalização interacional - representada pelo envolvimento dos órgãos públicos na solução dos problemas ligados à área rural.

e) capacidade técnica e administrativa dos produtores - analisadas a partir dos seguintes atributos: nível de instrução, experiência anterior em atividades agrícolas, treinamentos recebidos, participação em entidades associativas, conhecimento e uso de práticas administrativas.

2.5 - Método

O método de análise consta de:

a) análise tabular da distribuição de frequências absolutas e relativas das variáveis selecionadas.

b) testes estatísticos de independência entre as variáveis características dos grupos de produtores feirantes e produtores não feirantes e

c) análises quantitativas.

2.5.1 - O teste "t" de Student

Aplicado para testar se as médias das variáveis selecionadas diferem significativamente entre os grupos. Foi calculado com base na seguinte fórmula (BUSSAB, 1986):

$$t = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{\sqrt{\frac{s_1^2}{n} + \frac{s_2^2}{m}}}$$

onde:

\bar{x}_1 e \bar{x}_2 representam as médias amostrais, s_1^2 e s_2^2 representam as variâncias amostrais e n e m representam o número de observações que compõe cada amostra.

2.5.2 - O teste de "F"

Utilizado para testar se as variâncias das variáveis selecionadas diferem significativamente entre os grupos. Foi calculado com base na seguinte fórmula (HOFFMAN, 1980):

$$F = \frac{S_1^2}{S_2^2}, \quad N_1 - 1 \text{ e } N_2 - 1 \text{ graus de liberdade e}$$

$$S_1^2 > S_2^2$$

onde:

$$S_1^2 \text{ e } S_2^2 \text{ representam as variâncias amostrais}$$

2.5.3 - O teste de CHOW

Utilizado para testar a hipótese de dependência entre os grupos. Foi calculado com base na seguinte fórmula (KMENTA, 1978):

$$F = \frac{(SQE_C - SQE_1 - SQE_2) (K + 1)^{-1}}{(SQE_1 + SQE_2) (n + m - 2k - 2)^{-1}}$$

onde:

SQE_C = soma dos quadrados dos resíduos de mínimos quadrados da regressão conjunta dos grupos combinados ($n + m$).

SQE_1 = soma dos quadrados dos resíduos de mínimos quadrados da regressão grupo 1 (n).

SQE_2 = soma dos quadrados dos resíduos de mínimos quadrados da regressão grupo 2 (m).

K = número de variáveis independentes.

n, m = número de observações em cada grupo.

2.5.4 - O teste X^2

Utilizado para testar a hipótese de dependência entre as variáveis não-paramétricas. A aplicação foi feita mediante a utilização da seguinte fórmula (SIEGEL, 1975):

$$X^2 = \sum_{i=1}^r \sum_{j=1}^s \frac{(O_{ij} - E_{ij})^2}{E_{ij}}$$

onde:

X^2 = a estatística de teste, com "v" graus de liberdade;

r = o número de linhas do corpo da tabela;

s = o número de colunas do corpo da tabela;

O_{ij} = a frequência observada na interseção da linha i com a coluna j;

E_{ij} = a frequência esperada na interseção de linha i com a coluna j.

2.5.5 - Função Potencial Cobb - Douglas

Utilizou-se para avaliar o comportamento dos fatores de produção terra (tr), capital de exploração variável

(Kv), capital de exploração fixo (Kf) e mão-de-obra (Mo) e suas relações com o valor bruto da produção (Vp). O ajustamento desta função é facilitado por ser a mesma linear em logarítimos, além de consumir menor número de graus de liberdade e melhor ajustar dados agregados na atividade agrícola (SANTANA, 1989). O modelo, em sua forma matemática condensada, é assim apresentado:

$$Y = Co (X^\beta) (Z^\alpha) (W^\omega) e^\epsilon$$

onde:

Y = variável dependente

Co = Constante que dá estimativa da eficiência técnica, pois para cada quantidade de X_i , Z_i e W_i , quanto maior Co, maior a quantidade de produto a partir dessa dotação de fatores;

X, Z, W = variáveis independentes;

β , α , ω = são parâmetros da função que fornecem as estimativas de elasticidades parciais de produção, consoante aos fatores utilizados;

ϵ = termo de erro, independente, com média zero, variância constante e não correlacionado com a variável independente;

e = base dos logarítimos neperianos.

A especificação abaixo, com as variáveis^{6/} Vp, Tr, Kf e Mo, explicitada em forma linearizada, foi estimada para o conjunto dos grupos e para os 2 grupos separadamente:

$$\begin{aligned} \ln (VP_{ij}) = & \ln Co + B_1 \ln Tr_{ij} + B_2 \ln Kv_{ij} + \\ & B_3 \ln Kf_{ij} + B_4 \ln Mo_{ij} + \epsilon \end{aligned}$$

^{6/} As variáveis Vp, Tr, Kv, Kf e Mo já foram definidas (ver 2.4). No modelo, Vp é a variável dependente e Tr, Kv, Kf e Mo variáveis independentes.

onde:

i = número de observações (1, 2, 3 ... n);

j = grupos (feirantes, não feirantes e ambos combinados).

Para estimar as 3 funções, foi empregado o método de mínimos quadrados ordinários (MQO), cuja descrição e pressuposições podem ser encontradas em JOHNSTON (1977).

2.5.6 - Análise marginal

Utilizada para determinar o resultado do processo produtivo para ambos os grupos de produtores - feirantes e não feirantes - distintamente. Foi analisado com base nas seguintes fórmulas:

$$MB = VP - CV$$

$$ML = VP - CV - CF$$

onde:

MB = margem bruta ou quase renda;

VP = valor bruto da produção;

CV = custo variável;

ML = margem líquida;

CF = custo fixo.

2.6 - Referencial de análise

Para os objetivos deste estudo, consideramos válido contextualizar os resultados das análises com o ambiente sócio-econômico no qual se insere a feira-livre dos produtores rurais. Na realidade, buscar-se-á o estabelecimento,

da forma menos generalizada possível, dos fatores suscetíveis de equilibrar e/ou desequilibrar a utilização dessa estratégia de comercialização, nesse ambiente.

Embora não se estabeleça aqui, de forma rígida, o interrelacionamento entre os problemas básicos que ocorrem no processo de desenvolvimento de áreas rurais e particularmente os inerentes a Santarém, tomamos por base, para efeito de estudo e análise, o confronto entre as variáveis ^{7/}:

- capacidade funcional;
- adequação funcional;
- mobilidade funcional e
- eficácia funcional

da estratégia, enquanto processo de organização dos produtores, com os resultados obtidos.

A figura 4 - Evolução dos sistemas de comercialização e o crescimento do setor agropecuário - apoia parte das discussões. A economia agrícola é aqui considerada como "tradicional", embora apresente diversos problemas de mercado, próprios de economias agrícolas em "transição". ^{8/}

- ^{7/} - capacidade funcional é aqui entendida como o conjunto de recursos efetivos de que dispõem os agricultores para cumprir os objetivos específicos da feira;
- adequação funcional é entendida como a correlação entre as funções que os agricultores devem exercer para cumprir os objetivos específicos da feira;
- mobilidade funcional é entendida como a capacidade de os agricultores se ajustarem às diferentes funções exigidas para atingir os objetivos específicos da feira;
- eficácia funcional é entendida como os retornos, internalizados sob diversas formas pelos produtores, resultantes da execução da estratégia.

^{8/} explicações pormenorizadas sobre o assunto estão contidas em KRIESBERG, M. & STEELE, M. (1974).

EVOLUÇÃO DOS SISTEMAS DE COMERCIALIZAÇÃO E O CRESCIMENTO DO SETOR AGROPECUÁRIO

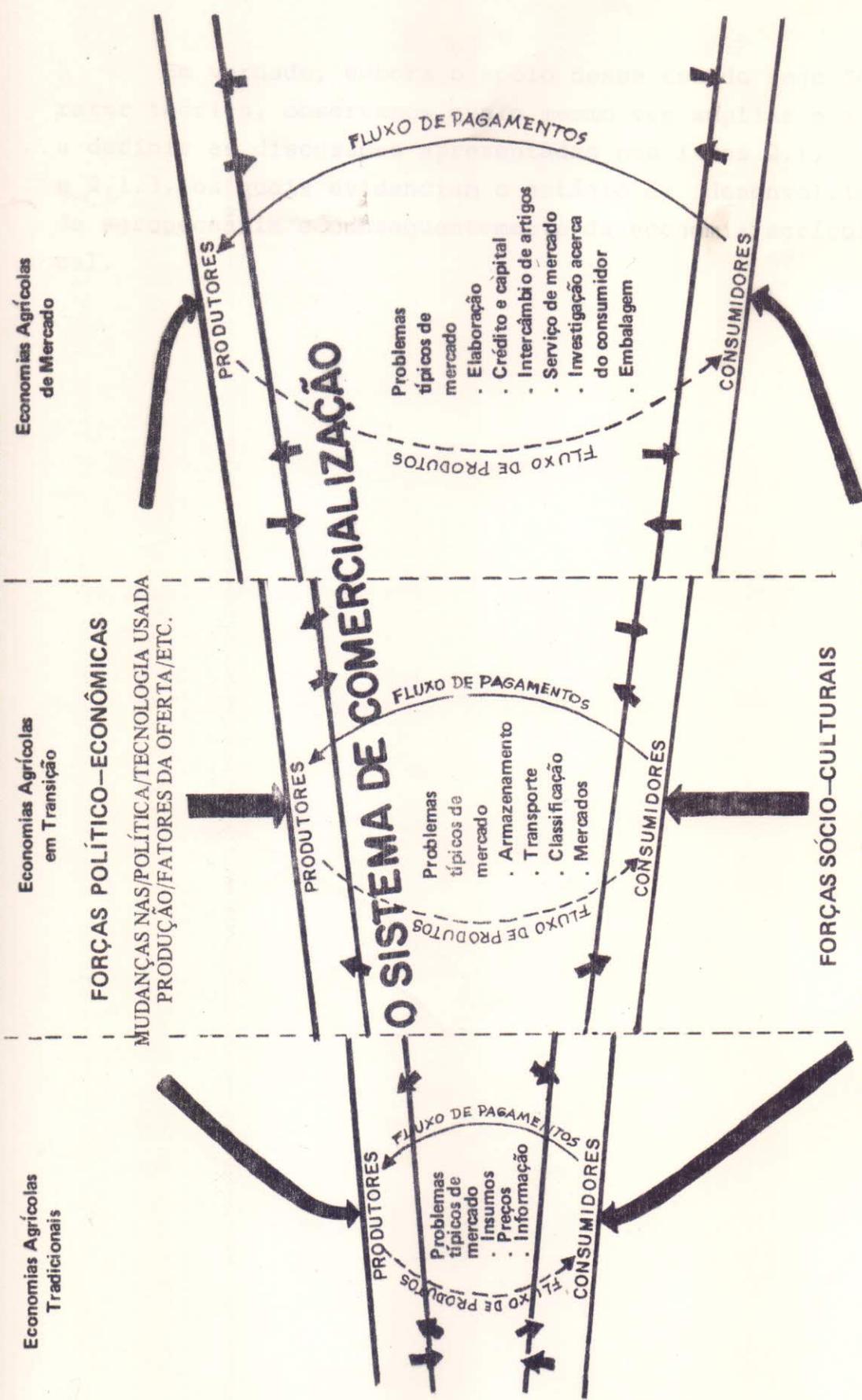


Figura 4

Em verdade, embora o apoio desse estudo seja de caráter teórico, observamos que o mesmo vem ampliar e ajudar a definir as discussões apresentadas nos itens 2.1, 2.1.2 e 2.1.3, os quais evidenciam o estágio de desenvolvimento da agropecuária e conseqüentemente da economia agrícola local.

Em resumo, para qual os agricultores vendem seus produtos de produção, constitui-se um indicador de desenvolvimento para a avaliação da eficiência de sua atividade econômica.

Os resultados do estudo de função de produção são apresentados, aproximadamente, nas tabelas 1 e 2, para os produtores feirantes e a tabela 3 e 4, para os produtores não feirantes, evidenciam a forma de produção e o tipo de produto produzido em cada região.

2.1.1 - Função de produção dos produtores feirantes

O coeficiente de determinação ajustado, R^2 , da regressão mostra que 54,6% das variações observadas na variável dependente são explicadas pelas variáveis independentes. A estatística "F" com valor 31,613, sob o nível de significância de 1% de probabilidade, indica resultados importantes, em um indicativo preciso de que o efeito conjunto das variáveis independentes é principal causal das variações observadas na variável dependente.

Por intermédio da tabela 5 podem-se determinar:

a) um aumento de 10% no uso do fator terra resulta em um aumento de 0,11% no valor bruto da produção por unidade agrícola;

b) um aumento de 10% no uso do fator capital resulta

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 - Comportamento e associação dos fatores de produção

A maneira pela qual os agricultores combinam seus fatores de produção, constitui-se num indicador de relevância para a avaliação da eficiência de sua atividade econômica.

Os resultados do ajustamento da função de produção Cobb-Douglas, apresentados nas tabelas 8 e 9, para os produtores feirantes, e tabelas 10 e 11, para os produtores não feirantes, evidenciam a forma de utilização e o comportamento dos fatores produtivos nas propriedades agrícolas.

3.1.1 - Função de produção dos produtores feirantes

O coeficiente de determinação ajustado, $R^2 = 0,6462$, mostra que 64,62% das variações ocorridas na variável dependente são explicadas pelas variáveis independentes. A estatística "F", com valor 31,6018, mostra-se significativa a 1% de probabilidade. Estes resultados, portanto, são um indicativo preciso de que o efeito combinado das variáveis independentes é o principal causador das variações observadas na variável dependente.

Por intermédio da tabela 8 pode-se determinar que:

a) um aumento de 10% no uso do fator terra acarretaria um aumento de 0,37% no valor bruto da produção das unidades agrícolas;

b) um aumento de 10% no uso do fator capital variá

TABELA 8 - Estimativa da função de produção "feirante",
Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Variáveis Independentes (Em logarítimos)	Coefficientes de Regressão (bi)	Estatísticas "t" Student
Terra (Tr)	0,03759	0,4123
Capital variável (Kv)	0,49592 *	6,6503
Capital fixo (Kf)	0,28775 *	4,2090
Mão-de-obra (Mo)	0,16098 **	1,7598
Intercepto (A)	2,58316	
Coeficiente de determinação ajustado (\bar{R}^2)		0,6462
Estatística F		31,6018
Somatório das elasticidades		0,98224

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

Nível de significância: (*) 1% de probabilidade

(**) 5% de probabilidade

vel acarretaria um aumento de 4,95% no valor bruto da produção das unidades agrícolas;

c) um aumento de 10% no uso do fator capital fixo acarretaria um aumento de 2,87% no valor bruto da produção das unidades agrícolas, e

d) um aumento de 10% no uso do fator mão-de-obra acarretaria um aumento de 1,6% no valor bruto da produção das unidades agrícolas.

Ainda na tabela 8, verificamos através das elasticidades parciais de produção que as variáveis capital variável e capital fixo foram as que melhor contribuíram para explicar a renda bruta nestas unidades agrícolas. O somatório das elasticidades parciais de todos os fatores estudados, no valor de aproximadamente 1,0, indica que os retornos são constantes à escala de produção.

Na tabela 9 encontram-se calculados os valores das produtividades médias (VPM_e) e marginais (VPM_g) dos fatores de produção ^{9/}.

As produtividades obtidas indicam que:

a) para o fator terra - o VPM_e evidencia que em média a utilização de 1,0 ha proporcionou uma renda bruta de NCZ\$244,58; já o VPM_g mostra que um aumento de 1,0 ha/ano proporcionaria um aumento na renda bruta, estimado em NCZ\$9,19, ceteris paribus;

b) para o fator capital variável - o VPM_e evidencia que, em média, a utilização de NCZ\$1,0 proporcionou uma renda bruta de NCZ\$1,87; já o VPM_g mostra que o uso de uma unidade monetária a mais proporcionaria um aumento na renda bruta estimada em NCZ\$0,93/ano, ceteris paribus;

^{9/} Ajustou-se a função $\bar{V}_p = A \cdot Tr^{b_1} \cdot K_v^{b_2} \cdot K_f^{b_3} \cdot M_o^{b_4}$, onde A e b_i são os coeficientes de regressão da função "feirante" (tabela 8) e Tr, K_v, K_f e M_o são as médias geométricas dos fatores de produção (tabela 9), obtendo-se $\bar{V}_p = 812,019$.

TABELA 9 - Médias geométricas, produtividades médias e marginais dos fatores de produção, na função "feirante", Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Variáveis	Média Geométrica	VPM _e (A)	VPM _g (B)
Valor bruto da produção (NCZ\$)	4.141,78	-	-
Terra (ha)	3,32	244,58	9,19
Capital variável (NCZ\$)	432,68	1,87	0,93
Capital fixo (NCZ\$)	262,33	3,09	0,89
Mão-de-Obra (H/D)	886,16	0,91	0,14

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(A) Valor da produtividade média (\bar{V}_p/\bar{F}_i), ($\bar{i} = Tr, K_v, K_f, M_o$)

(B) Valor da produtividade marginal b_i (\bar{V}_p/\bar{F}_i). Tem por objetivo apenas mensurar o valor da contribuição marginal de cada fator na formação da renda bruta. O preço do fator é o mesmo para ambas as categorias de produtores (feirantes e não feirantes).

c) para o fator capital fixo - o VPMe evidencia que em média o investimento de cada NCZ\$1,0 proporcionou uma renda de NCZ\$3,09; já o VPMg mostra que a utilização de mais NCZ\$1,0/ano, em capital fixo, proporcionaria um aumento na renda bruta estimado em NCZ\$0,89, ceteris paribus, e

d) para o fator mão-de-obra - o VPMe evidencia que em média a utilização de 1,0 H/D proporcionou uma renda bruta de NCZ\$0,91; já o VPMg mostra que um aumento de 1,0 H/D/ano, no processo produtivo, proporcionaria um aumento na renda bruta de NCZ\$0,14, ceteris paribus.

A constatação de que os valores do VPMg são menores que os valores do VPMe, indica que os recursos estão sendo utilizados no estágio racional de produção (estágio II).

A taxa marginal de substituição de capital fixo por capital variável ($TMS_{kf,kv}$), no valor de 1,04, é inferior a sua relação de preços e indica indiferença em se substituir um fator pelo outro, a fim de se conseguir maior eficiência econômica no uso combinado destes fatores.

3.1.2 - Função de produção dos produtores não feirantes

O coeficiente de determinação ajustado $R^2 = 0,5751$, mostra que 57,51% das variações ocorridas na variável dependente são explicadas pelas variáveis independentes. A estatística "F", com valor 23,6711 mostra-se significativa no nível de 1% de probabilidade. Estes resultados, portanto, indicam que o efeito combinado das variáveis independentes é o principal causador das variações observadas na variável dependente.

Por intermédio da tabela 10 pode-se determinar que:

a) um aumento de 10% no uso do fator terra acarretaria um aumento de 4,97% no valor bruto da produção das unidades agrícolas;

TABELA 10 - Estimativa da função de produção "não feirante",
Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Variáveis Independentes (Em logarítimos)	Coefficientes de Regressão (bi)	Estatísticas "t" Student
Terra (Tr)	0,49744 *	5,1752
Capital variável (Kv)	0,23936 *	3,3457
Capital fixo (Kf)	0,12788	1,0918
Mão-de-obra (Mo)	0,22180	1,5248
Intercepto (A)	3,66559	
Coefficiente de determinação ajustado (\bar{R}^2)		0,57510
Estatística F		23,6711
Somatório das elasticidades		1,08648

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

Nível de significância: (*) 1% de probabilidade

b) um aumento de 10% no uso do fator capital variável acarretaria um aumento de 2,39% no valor bruto da produção das unidades agrícolas;

c) um aumento de 10% no uso do fator capital fixo acarretaria um aumento de 1,27% no valor bruto da produção das unidades agrícolas, e

d) um aumento de 10% no uso do fator mão-de-obra acarretaria um aumento de 2,21 no valor bruto da produção das unidades agrícolas.

Verificamos, ainda, na tabela 10 através das elasticidades parciais de produção que as variáveis terra e capital variável, foram as que melhor contribuíram para explicar a renda bruta nestas unidades agrícolas. O somatório das elasticidades parciais de todos os fatores estudados, no valor de aproximadamente 1,0, indica que os retornos são constantes à escala de produção.

Na tabela 11 encontram-se calculados os valores das produtividades médias (VPMe) e marginais (VPMg) dos fatores de produção ^{10/}.

As produtividades obtidas indicam que:

a) para o fator terra - o VPMe evidencia que em média a utilização de 1,0 ha proporcionou uma renda bruta de NCZ\$69,80; já o VPMg mostra que um aumento de 1,0 ha/ano proporcionaria um aumento na renda bruta, estimado em NCZ\$34,72, ceteris paribus;

b) para o fator capital variável - o VPMe evidencia que em média a utilização de NCZ\$1,0 proporcionou uma renda bruta de NCZ\$0,88; já o VPMg mostra que o uso de uma unidade a mais proporcionaria um aumento na renda bruta estimado em NCZ\$0,21/ano, ceteris paribus;

^{10/} Ajustou-se a função $\bar{V}_p = A \cdot Tr^{b_1} \cdot K_v^{b_2} \cdot K_f^{b_3} \cdot M_o^{b_4}$, onde A e b_i são os coeficientes de regressão da função "não feirante" (tabela 10) e Tr, K_v, K_f e M_o são as médias geométricas dos fatores de produção (tabela 11), obtendo-se $\bar{V}_p = 234,5244$.

TABELA 11 - Médias geométricas, produtividades médias e marginais dos fatores de produção, na função "não feirante", Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Variáveis	Média Geométrica	VPM _e (A)	VPM _g (B)
Valor bruto da produção (NCZ\$)	2.502,13	-	-
Terra (ha)	3,36	69,80	34,72
Capital variável (NCZ\$)	266,80	0,88	0,21
Capital fixo (NCZ\$)	240,44	0,97	0,12
Mão-de-Obra (H/D)	935,61	0,25	0,06

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(A) Valor da produtividade média (\bar{V}_p/\bar{F}_i), ($\bar{i} = Tr, Kv, \dots, Mo$)

(B) Valor da produtividade marginal b_i (\bar{V}_p/\bar{F}_i). Tem por objetivo apenas mensurar o valor da contribuição marginal de cada fator na formação da renda bruta. O preço do fator é o mesmo para ambas as categorias de produtores (feirantes e não feirantes).

c) para o fator capital fixo - o VPMe evidencia que em média o investimento de cada NCZ\$1,0 proporcionou uma renda de NCZ\$0,97; já o VPMg mostra que a utilização de mais NCZ\$1,0/ano, em capital fixo, proporcionaria um aumento na renda bruta, estimado em NCZ\$0,12, ceteris paribus, e

d) para o fator mão-de-obra - o VPMe evidencia que em média a utilização de 1,0 H/D proporcionou uma renda bruta de NCZ\$0,25; já o VPMg mostra que um aumento de 1,0 H/D/ano, no processo produtivo, proporcionaria um aumento na renda bruta, estimado em NCZ\$0,06, ceteris paribus.

Como os valores do VPMg são menores que os valores do VPMe, podemos concluir que os recursos estão sendo utilizados no estágio racional de produção (estágio II).

A taxa marginal de substituição de capital fixo por capital variável ($TMS_{kf,kv}$), no valor de 1,75, é praticamente igual a sua relação de preços e indica que a proporção de uso entre estes fatores, se alterada terá um efeito muito pequeno no nível atual da eficiência econômica dos mesmos.

3.1.3 - As diferenças tangíveis

A fim de dimensionar as possíveis diferenças entre as duas categorias de produtores, quanto ao comportamento dos fatores de produção aqui tratados, utilizou-se o teste de CHOW e o teste "t" de STUDENT. O teste de CHOW - suas pressuposições e fundamentos - está descrito em JOHNSTON (1977) 153-55.

Na tabela 12 encontra-se sumarizado o resultado do ajustamento de uma função potencial Coob-Douglas, calculada a partir de todas as observações, de ambas as categorias de unidades agrícolas, num total de 136.

O coeficiente de determinação ajustado, $R^2 = 0,5689$, mostra que 56.89% das variações ocorridas na variável de

TABELA 12 - Estimativa da função de produção "feirante e não feirante", Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Variáveis Independentes (Em logarítimos)	Coefficientes de Regressão (bi)	Estatísticas "t" Student
Terra (Tr)	0,30014 *	4,0258
Capital Variável (kv)	0,39122 *	7,3378
Capital fixo (kf)	0,18009 *	2,5066
Mão-de-Obra (Mo)	0,16634	1,7969
Intercepto (A)	3,30539	
Coeficiente de determinação ajustado (\bar{R}^2)		0,5689
Estatística F		45,5386
Somatório das elasticidades		1,0216
Teste de CHOW (F)		10,1630 *

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

Nível de significância: (*) 1% de probabilidade

pendente são explicadas pelas variáveis independentes. A estatística "F", com valor de 45,5386, mostra-se significativa a 1% de probabilidade. Estes resultados indicam ser o efeito combinado das variáveis independentes o principal causador das variações ocorridas na variável dependente.

As elasticidades parciais de produção dos fatores terra (Tr), capital variável (Kv) e capital fixo (Kf) evidenciam que estes foram os fatores que deram melhores contribuições para a explicação da renda bruta no conjunto de todas as unidades agrícolas de ambas as categorias.

A estatística "F", obtida através do teste de CHOW, tem valor 10,1630, significativamente maior, ao nível de 1%, que o valor tabelado. Este resultado permite concluir que os grupos ou conjunto de unidades agrícolas de produtores feirantes e não feirantes não pertencem à mesma população.

A análise da tabela 13 indica existirem diferenças significativas, aos níveis de 1% e 10%, entre os coeficientes das elasticidades parciais dos fatores terra (Tr) e capital variável (Kv), respectivamente.

O fator terra (área efetivamente cultivada), apresenta um VPMe, para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes, maior em cerca de 250% ao VPMe do conjunto das unidades agrícolas dos produtores não feirantes. Na tabela 14 pode-se observar que as unidades agrícolas dos não feirantes apresentam maior variação na área cultivada; o VPMg deste fator (ver nota "B" nas tabelas 9 e 11) indica o grau de contribuição à formação da renda bruta e evidencia ser a terra o fator que mais contribui na renda bruta de ambas as categorias de unidades agrícolas. Assim o teste "t" de STUDENT (tabela 13) ratifica a diferenciação entre os grupos; os produtores feirantes, comparados aos produtores não feirantes, apresentam melhor eficiência técnica no uso de seus fatores produtivos.

TABELA 13 - Resultados do teste "t" de STUDENT, em relação às elasticidades parciais, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes).

Fatores	Feirantes	Não Feirantes	"t"
	(bi)	(bi)	
Terra (Tr)	0,03759	0,49744	2,4398 *
Capital Variável (Kv)	0,49592	0,23936	1,3893 **
Capital Fixo (Kf)	0,28775	0,12788	0,8487
Mão de Obra (Mo)	0,16098	0,22180	0,3144

Fonte: Tabelas 8 e 10.

* significativo ao nível de 1%.

** significativo ao nível de 10%.

No caso do capital variável (Kv), as elasticidades parciais mostram-se diferentes ao nível de 10% de significância. O estoque deste capital, para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes, é cerca de 24,75% maior que o estoque do mesmo fator para o outro conjunto de unidades agrícolas.

Outras características diferenciais são encontradas ao se analisar, grosso modo, alguns indicadores que afetam a renda da propriedade.

Por intermédio das tabelas 9 e 11, verifica-se que, praticamente, é cultivada em média a mesma área por ambas as categorias de produtores. Entretanto, a intensidade de exploração em relação à mão-de-obra, para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores não feirantes é menor do que a intensidade de exploração do mesmo fator para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes.

Pode-se ainda constatar, através dos respectivos VPMe's, que a produtividade da mão-de-obra e a produtividade do equipamento (considerando-se o capital fixo), também evidenciam diferenças.

Entretanto, é bom lembrar que, de um modo geral, os resultados são indicadores do baixo nível de produtividade dos fatores.

3.2 - Renda

A renda líquida por hectare explorado, indicador da produtividade líquida do fator terra, dá idéia da eficiência econômica da propriedade. O conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes obteve em média uma renda de NCZ\$1.131,96/ha, maior, em cerca de 73%, em relação a renda média de NCZ\$654,45/ha, obtida para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores não feirantes. Estes indicadores, calculados para o ano agrícola 1987/88, a preços correntes de maio de 1989, evidenciam que os produtores feirantes são mais eficientes na utilização do fator terra.

A tabela 15 distribui a renda líquida em estratos de salário mínimo, entre as duas categorias de produtores. O valor calculado da estatística χ^2 permite concluir que existe relação de dependência na distribuição de salários entre os dois grupos.

Observa-se que cerca de 72,06% dos produtores não feirantes auferem renda líquida de até 3 salários mínimos, enquanto somente 33,82% dos produtores feirantes incluem-se neste estrato. Acima de 5 salários mínimos situa-se cerca de 25% dos produtores feirantes e 11% dos produtores não feirantes.

Não obstante, em consonância com os dados da tabela 16, verifica-se que inexistem diferenças significativas na

TABELA 14 - Análise de variância e de média de algumas variáveis básicas das unidades produtivas, no ano agrícola de 1987/88, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA.

Variáveis	Categorias	Variâncias				Médias		Estatística "t"
		Feirantes		Não Feirantes		Feirantes	Não Feirantes	
		Feirantes	Feirantes	Feirantes	Feirantes			
Área total (ha)		955,61	1.231,08	1,29	28,78	36,11	1,2926	
Área cultivada (ha)		4,03	8,94	2,22 *	3,75	4,14	0,8929	
Valor bruto da produção	(1)	6.823.560,02	5.614.058,24	1,21	4.771,72	3.127,69	3,8441 *	
Patrimônio total	(1)	15.683.967,75	21.905.842,26	1,3967	2.486,48	2.327,13	0,2143	
Trabalho total	(H/D)	165.306,76	142.610,72	1,16	966,47	1.007,89	0,6155	
Trabalho familiar	(H/D)	167.464,27	137.327,21	1,22	941,17	972,65	0,0923	
Total de dependentes		8,79	13,29	1,51 **	6,56	6,59	0,0526	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(1) valores correntes de maio de 1989.

(*) significativo ao nível de 1%.

(**) significativo ao nível de 10%.

TABELA 15 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) do valor líquido da produção agropecuária em salário mínimo (SM)^{1/} mensal, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Estratos (em SM)	Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	
0,25 — 1,00	-	-	7	10,29	22,09 *
1,00 — 3,00	23	33,82	42	61,77	
3,00 — 5,00	27	39,72	11	16,18	
5,00 — 7,00	8	11,76	4	5,88	
7,00 — 10,00	7	10,29	3	4,41	
10,00 — 12,50	3	4,41	1	1,47	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	-

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(*) - significativo ao nível de 1%.

^{1/} - em valores correntes de maio/89 (NCZ\$81,40).

TABELA 16 - Variâncias e médias do valor líquido da produção agropecuária, em salários mínimos (SM) mensal (1), segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, ano agrícola 1987/88.

Estratos em "SM"	Variâncias			Médias	
	Feirantes	Não Feirantes	Valor de "F"	Feirantes	Valor de "t"
0,25 ——— 1,00 (2)	-	30.247,57	-	-	-
1,00 ——— 3,00	223.631,54	210.528,50	1,06	2.060,00	1.923,50
3,00 ——— 5,00	252.877,38	389.678,47	1,54	3.923,81	3.664,45
5,00 ——— 7,00	342.040,21	498.089,00	1,46	5.823,75	5.721,50
7,00 ——— 10,00	469.925,23	1.615.726,33	3,44	7.765,28	8.119,67
10,00 ——— 12,50 (2)	608.011,00	-	-	11.535,00	11.857,00

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(1) - Em valores correntes de maio/89 (NCZ\$81,40).

(2) - Deixou-se de calcular "F" e "t" em virtude de só haver uma observação.

variação e na média da renda líquida auferida por ambas as categorias de produtores. Os baixos valores de "F", bem como os da estatística "t" de Student, são a razão desta asserção. Esta observação se impõe no sentido de evitar que o dimensionamento da proporção, natureza e grau da diferenciação, acusado através da análise do X^2 , venha tornar-se um viés em análises prospectivas. Assim é que se pode supor que a significância da diferença encontrada deve-se tão somente à discrepância de extremos nos números de casos observados nos dois estratos iniciais de salários, para os produtores não feirantes e nos dois últimos estratos e salários para os produtores feirantes. De certa forma estes resultados (estatísticas "F" e "t") contrariam a crença generalizada de que existe grande variância na renda líquida auferida por produtores feirantes e não feirantes.

A renda líquida por pessoal dependente foi estimada em NCZ\$561,92/ano, para o conjunto de famílias dos produtores feirantes. Este coeficiente é 57,42% maior que a estimativa encontrada para o conjunto das famílias dos produtores não feirantes, cujo valor foi de NCZ\$356,94/ano.

3.3 - A análise de margens

Os resultados econômicos, encontrados através da análise de margens, para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes e para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores não feirantes, são apresentados nas tabelas 17 e 18. Tais resultados expressam, necessariamente, a situação de subsistência em que se encontram ambos os grupos, aqui analisados. Esta observação ganha relevo visto que não inclui os custos correspondentes à remuneração da mão-de-obra familiar e às despesas com conservação de máquinas e implementos.

É importante ressaltar, todavia, que estes resulta

TABELA 17 - Composição absoluta (A) e relativa (%) dos custos totais de produção, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), a preços correntes de maio de 1989 - Santarém-PA (1), ano agrícola 1987/88.

Discriminação	Custos Variáveis (CV)			Custos Fixos (CF)		Custos Totais
	Insumos	Mão-de-Obra	Custos Alternativos	Depreciação (2)	Custos Alternativos	
Feirantes						
(A)	520,53	127,94	38,91	106,46	1.193,60	1.300,06
(%)	25,19	6,44	1,96	5,35	60,06	65,41
Não Feirantes						
(A)	417,26	171,10	35,30	90,18	1.100,95	1.191,13
(%)	22,99	9,43	1,94	4,97	60,67	65,64

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(1) - calculados a partir da média aritmética - $\Sigma i/N$ onde, i corresponde aos componentes de CV e CF e N é igual a 68.

(2) - 5% sobre edificações e 10% sobre máquinas e implementos.

- exclusive os custos de conservação.

TABELA 18 - Resultados bruto e líquido do processo produtivo, no ano agrícola de 1987/88, segundo as categorias de produtores (feirantes e não feirantes), a preços correntes de maio de 1989 - Santarém-PA.⁽¹⁾

Discriminação Categorias	Custo Variável (CV)	Custo Total (CT)	Valor Bruto da Produção	Margem Bruta (CT)	Margem Líquida (ML)
Feirantes	687,38	1.987,44	4.698,19	4.010,81	2.710,75
Não feirantes	623,66	1.814,79	3.126,50	2.502,84	1.311,71

Fonte: Dados básicos da pesquisa e tabela 17.

dos são mais do que suficientes para cobrir os custos va
riáveis, praticamente iguais para ambos os conjuntos de
unidades agrícolas, e que a margem bruta ou quase-renda si
tua-se em torno de 65,41% do valor bruto da produção. Toda
via, vale aduzir que este valor é insuficiente para que uma
família cuja média de dependentes se aproxima de 7,0 (ver
tabela 14) venha subsistir de forma a atender suas nece
sidades sociais, poucas vezes incluídas em conceitos mais
amplos de desenvolvimento.

A análise positiva, que contrasta os dois conjuntos
das unidades agrícolas entre si, evidencia que: os custos
totais são praticamente iguais, uma vez que há tão somente
uma diferença de 9,51%, aproximadamente, do conjunto das
unidades agrícolas dos produtores feirantes sobre o conjun
to equivalente aos produtores não feirantes; a margem bru
ta para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores
feirantes é cerca de 60,25% maior que a margem bruta obti
da pelo outro conjunto. A margem líquida, conseqüentemente,
é superior em cerca de 106,66%, em favor do conjunto das
unidades agrícolas dos produtores feirantes.

3.4 - Aspectos sociais

O tratamento dado aos resultados e discussões das
questões sociais tem como pano de fundo o indicativo de que
a melhoria no nível de renda auferida pelos pequenos produ
tores rurais não se reverte, necessariamente, à obtenção
de bens de consumo semi-duráveis e à melhoria das condições
de vida. Na verdade, a ajuda que este pressuposto pode con
ferir às discussões é de caráter flexível, haja vista a
dependência de bens que devem ser adquiridos por estes pro
dutores, a fim de que possam garantir a sua existência, e
o jugo que lhes é impingido pela lógica do capital.

Neste contexto, o acesso dos produtores aos meios

de sua reprodução, está inextricavelmente vinculado a relações mercantis e ao apoio institucional do Estado. É por isso que chamamos atenção para a questão da não linearidade de "causa-efeito" da renda sobre o bem estar das populações rurais.

3.4.1 - Nível nutricional

A análise dos dados coligidos junto aos dois grupos de produtores rurais permite concluir haver homogeneidade no consumo da alimentação básica de ambos os grupos. Os alimentos mais utilizados na dieta alimentar, exceto farinha e arroz, são comprados através de transações monetizadas. As unidades agrícolas, em sua totalidade, comportam um pequeno pomar e algumas plantas olerícolas.

Os dados da tabela 19 evidenciam, como era de se esperar, uma maior participação da renda líquida dos produtores não feirantes nas despesas com a alimentação. Esta participação é de cerca de 65%, enquanto os produtores feirantes comprometem apenas 48% de sua renda.

TABELA 19 - Participação absoluta (A) e relativa (%) do item despesa com a alimentação na renda líquida, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes). Santarém-PA - ano agrícola 1987/88.

Categorias	Renda Líquida Total (1)	Despesa com Alimentação (1)	(%)
Feirantes	305.009,00	145.632,00	47,75
Não Feirantes	213.155,00	138.392,00	64,93

Fonte: Dados básicos da pesquisa

(1) Valores correntes de maio de 1989 (NCZ\$)

Esta diferenciação traz em si contradições de forma e de conteúdo, na homogeneidade do consumo básico já referido. Estas contradições, de caráter subjacente, podem ser melhor visualizados pelo confronto das diferenças existentes entre as rendas líquidas e a diferença do montante gasto com a alimentação, que não é superior a 5,3%. Ora, como o número de dependentes, para o conjunto dos produtores não feirantes tem uma variância significativa e como as médias para ambas as categorias se equivalem (tabela 14), há evidências de que a precariedade da reprodução física e social teve seus efeitos ampliados junto ao conjunto dos produtores não feirantes, mormente nos aspectos nutricionais.

3.4.2 - Nível médico-sanitário

Conforme mencionamos anteriormente, o acesso dos produtores aos serviços de saúde e educação, dentre outros, encontra-se, amiúde, condicionado ao apoio institucional do Estado. É assim que, visando evitar o viés causado por interpretações que não levem em conta esta característica, serão analisados somente os aspectos julgados de menor correlação com esta asserção.

Cerca de 32,25% do conjunto dos produtores feirantes recorre às farmácias para resolver seus problemas de assistência médica. A razão dessa preferência é a "confiança" de 59% e 48% dos grupos de feirantes e não feirantes respectivamente, depositada nessa modalidade de assistência. Por outro lado, cerca de 86% do conjunto dos produtores feirantes e 55% do conjunto dos produtores não feirantes não sofre a menor influência e/ou intermediação de pessoas ou de instituições sobre a decisão de recorrer a esta ou aquela modalidade de assistência.

A tabela 20 indica que a grande maioria dos produtores, de ambas as categorias, obtém a água de poços construí

dos nas próprias unidades agrícolas. Cerca de 22,06% e 11,76% do conjunto dos produtores feirantes e não feirantes respectivamente, obtém a água diretamente dos igarapés. O teste X^2 revelou existir relação de dependência entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes em relação ao local de procedência da água para consumo humano. Entretanto, conforme dados da tabela 21, em que o valor da estatística X^2 mostrou-se não significativo, verifica-se não haver relação de dependência entre feirantes e não feirantes em relação ao tipo de tratamento aplicado à água para o consumo humano. Já o valor calculado no teste X^2 , na tabela 22, indica existir relação de dependência entre as categorias de feirantes e não feirantes quanto ao tipo de reservatório de água. A utilização de cisternas em uma região castigada pela precariedade do sistema de abastecimento de água, inclusive os cursos naturais, como é o caso da região em que se efetiva o presente estudo, é um bom indicativo do poder de posse e da melhoria do bem estar de quem as possui. Verifica-se que a grande maioria dos produtores não feirantes, cerca de 76,48%, possui apenas o pote como reservatório, e que 23,53% da categoria dos produtores feirantes utiliza a cisterna. Este fato é importante porque aqueles produtores que não possuem poços estão sujeitos a longas caminhadas até os igarapés e/ou à espera do abastecimento feito por carro pipa.

Informações sobre o destino final do lixo, bem como sobre as características dos arredores da casa, estão contidas nas tabelas 23 e 24. A grande maioria dos produtores, de ambas as categorias, joga o lixo ao redor da casa. O resultado encontrado para a estatística X^2 permite concluir não haver relação de dependência entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes em relação ao destino final do lixo. Já em relação aos arredores da casa, a estatística X^2 revelou existir dependência entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes.

TABELA 20 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável procedên-
cia da água, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - San-
tarém-PA, 1989.

Tipo	Categorias		Feirantes (%)	Não Feirantes (%)	χ^2
	(A)	(A)			
Nascente	-	4	-	5,88	11,1845 *
Cacimba	12	20	17,65	29,41	
Poço	38	36	55,88	52,95	
Igarapé	15	8	22,06	11,76	
Rio	-	-	-	-	
Água encanada	3	-	4,41	-	
T O T A L	68	68	100,00	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(*) Significativo do nível de 5%.

TABELA 21 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "tipo de tratamento de água", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Tipos	Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Filtrada	4	5,88	8	11,76	5,3333
Fervida	-	-	-	-	
Coadada	60	88,24	60	88,24	
Direta	4	5,88	-	-	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 22 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "tipo de reservatório d'água", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Tipos	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Caixa d'água	4	5,88	5	7,35	10,7281 *
Pote	37	54,41	52	76,48	
Cisterna	16	23,53	4	5,88	
Camburão	11	16,18	7	10,29	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

* significativo ao nível de 5%.

TABELA 23 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "destino do lixo", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santa rêm-PA, 1989.

Tipos	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Enterrado	19	27,94	13	19,12	2,1705
Jogado ao redor da casa	43	63,24	45	66,18	
Queimado	6	8,82	10	14,70	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 24 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "arredores da casa", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes)-Santarém-PA, 1989.

Tipos	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Limpo	40	58,84	45	66,18	10,6941*
Água empoçada	7	10,29	13	19,12	
Sujo c/fezes de animais	8	11,76	8	11,76	
Lixo	8	11,76	2	2,94	
Coberto com mato	5	7,35	-	-	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

* significativo ao nível de 5%.

3.4.3 - Nível habitacional

A tabela 25 evidencia que a grande maioria de produtores, de ambas as categorias, mora em casa de madeira. O tipo de construção "tapiri" - casas simples, feitas exclusivamente de palhas (folhas de palmeira) - tem uma ocorrência de 1,47% e 11,76%, nas categorias de produtores feirantes e não feirantes, respectivamente. O valor da estatística X^2 permite concluir não existir diferença significativa entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes, em relação ao tipo de construção da moradia.

Não foi observada, para ambas as categorias de produtores, a modalidade de moradia alugada ou cedida. A totalidade das famílias reside em casa própria.

No tocante ao tipo de iluminação utilizada, verifica-se pelos dados da tabela 26 que a "lâmparina" é o instrumento de iluminação da maioria das residências, independente das categorias aqui tratadas. Não obstante, é bom ressaltar que a eletrificação rural praticamente inexistente, sendo que um número reduzido de comunidades ^{10/} está interligado ao sistema de distribuição de energia elétrica. O baixo valor calculado da estatística X^2 permite concluir não haver relação de dependência, ao nível de 10%, entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes, em relação ao tipo de iluminação utilizado em suas propriedades.

3.4.4 - Nível educacional

Do ponto de vista da questão em estudo, o nível edu

^{10/} Comunidade é aqui entendido como uma população que habita um lugar determinado, que possui identidade com o nome desse lugar e que, em função da convivência, desenvolve algumas ações em comum.

TABELA 25 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "tipo de construção da casa", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Tipos	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Madeira	57	83,83	51	75,01	7,6701
Tijolo	2	2,94	3	4,41	
Adobe	-	-	1	1,47	
Enchimento	8	11,76	5	7,35	
Tapiri	1	1,47	8	11,76	
TOTAL	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 26 - Distribuição de frequências absoluta (A) e relativa (%) da variável tipo de iluminação, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Tipos	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Elétrica	23	33,83	14	20,59	7,6610
Lampião de gás butano	5	7,35	7	10,29	
Lampião de querosene	5	7,35	15	23,06	
Vela	1	1,47	1	1,47	
Lamparina	34	50,00	31	45,59	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos de pesquisa.

cacional influencia basicamente a assimilação das informações prestadas pelos serviços de assistência técnica, exercendo uma ação proativa ^{11/} em relação à resolução dos problemas que os produtores rurais enfrentam no dia-a-dia, inclusive aqueles relacionados com a comercialização.

Levando isto em conta, sem esquecer, entretanto, que o papel da educação tem gerado controvérsias quanto a sua eficácia para aumentar a produção, produtividade e obter melhores preços numa agricultura tradicional, é que se optou por estabelecer critérios não formais de escolaridade, na análise do nível educacional dos produtores feirantes e não feirantes.

Os dados da tabela 3 evidenciam que, para o conjunto de população do município de Santarém, a participação absoluta do pessoal sem instrução e/ou com menos de 1 ano de estudo formal cresceu no período 1970/80. Esta observação, de caráter geral, dá uma idéia de como a instrução formal vem sendo tratada naquele município.

Pela tabela 27, observa-se que cerca de 67,65% dos produtores não feirantes são analfabetos, enquanto 55,88% dos produtores feirantes podem ser incluídos nesta categoria. A estatística X^2 mostrou-se significativa ao nível de 10%, acusando existir dependência entre feirantes e não feirantes em relação ao atributo de ser ou não alfabetizado. Observa-se ainda que 44,12% e 29,41% de produtores feirantes e não feirantes, respectivamente, sabe ler e escrever.

3.4.5 - Nível de sociabilidade

Não foi detectado nenhum tipo de preferência por este ou aquele vizinho, em ambas as categorias de produtores, o que denota um bom nível de relacionamento.

^{11/} Proativa é aqui entendido como antecipação; o contrário de reação e busca exprimir o conhecimento da relação causa-efeito.

TABELA 27 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável nível de instrução, de produtores feirantes e não feirantes - Santarém-PA, 1989.

Discriminação	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Não lê, nem escreve	12	17,65	17	25,00	7,5602*
Só assina o nome	26	38,23	29	42,65	
Lê	-	-	02	2,94	
Lê e escreve	30	44,12	20	29,41	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

* significativo ao nível de 10%.

A tabela 28 sintetiza o modo de envolvimento dos produtores com as organizações formais afins aos seus interesses. No caso do sindicato, pode-se observar que a grande maioria dos produtores feirantes conhece e já fez parte dessa organização, e neste aspecto, segundo a significância das estatística X^2 , este grupo difere do grupo dos produtores não feirantes. No caso do relacionamento dos produtores com a Associação dos Produtores Rurais de Santarém - APRUSAN - verifica-se que 94,12% e 91,18% dos produtores feirantes conhece e toma parte, respectivamente, dessa organização. As estatísticas X^2 acusam existir relação de dependência entre produtores feirantes e não feirantes em relação ao envolvimento com a APRUSAN.

Embora não exista Cooperativa de produtores rurais, em sua forma jurídica, no município de Santarém, o interesse em se conhecer o envolvimento dos produtores com esse tipo de organização é tão somente de caráter cognitivo. Neste sentido, observa-se que 57,35% dos produtores não feirantes conhece, e que 72,06% dos produtores feirantes desconhece essa organização. A estatística X^2 mostrou existir relação de dependência entre os grupos quanto a este aspecto.

De uma maneira geral, com a modalidade de organização clube comunitário ambas as categorias têm um envolvimento uniforme. No caso do Conselho Comunitário, a estatística X^2 permite concluir que existe relação de dependência entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes, em relação ao conhecimento destes com a organização. Verifica-se que 60,29% dos produtores não feirantes conhece a organização enquanto 63,24% dos produtores feirantes a desconhece.

TABELA 28 - Distribuição de Frequências Absolutas (A) e Relativas (%) na variável "Relacionamento com as Organizações", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Categorias	Conhece				Faz Parte				Já Fez Parte				
	Feirantes		Não Feirantes		Feirantes		Não Feirantes		Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	
Organizações													
• Sindicato													
- Sim	67	98,53	58	85,29	18	26,47	19	27,94	46	67,65	19	27,94	21,4830*
- Não	01	1,47	10	14,71	50	73,53	49	72,06	22	32,35	49	72,06	
• AGRICULTORES													
- Sim	64	94,12	48	70,59	62	91,18	5	7,35	2	2,94	9	13,24	4,8465
- Não	04	5,88	20	29,41	6	8,82	63	26,65	66	97,06	59	86,76	
• Cooperativa													
- Sim	19	27,94	39	57,35	0	0	0	0	0	0	2	2,94	2,0299
- Não	49	72,06	29	42,65	68	100,00	68	100,00	68	100,00	66	97,06	
• Club Comunitário													
- Sim	48	70,59	51	75,00	33	48,53	29	42,65	6	8,82	12	17,65	2,3051
- Não	20	29,41	17	25,00	35	51,47	39	57,35	62	91,18	56	82,35	
• Conselho Comunitário													
- Sim	25	36,76	41	60,29	12	17,65	11	16,18	4	5,88	3	4,41	0,1506
- Não	43	63,24	27	39,71	56	82,35	57	83,82	64	94,12	65	95,59	

Fonte : Dados Básicos da Pesquisa

* significativo ao nível de 1%.

3.5 - Pontos de estrangulamento

A utilização de qualquer estratégia de mudança exige a adequação de diversos fatores, a fim de que esta estratégia possa cumprir sua função de mudar. No caso presente, são explicitadas algumas variáveis (ver item 2.6), objetivando evidenciar uma parte desses ajustes considerados importantes.

Em verdade, mesmo que o produtor rural aqui considerado viesse a predizer suas necessidades frente aos problemas da comercialização e as mudanças necessárias para que ele se ajustasse à nova estratégia de comercialização da produção, este ajustamento, supõe-se, seria realizado, principalmente, à base de conotações que à base de denotações.

Esta observação está consoante ao que pensa, por exemplo, a maioria dos produtores entrevistados, em relação ao "atravessador":

"o atravessador é um explorador ... ele só quer ganhar, ganhar ... ele é um aproveitador ..."

Veja-se ainda outro trecho de entrevista, no qual se encontra igualmente presente a percepção generalizada com conotações que obscurecem a realidade e criam imagens ideais:

"(...) a feira é bom. Foi um melhor negócio pra gente pois lá a gente pega no dinheiro na hora e pode comprar logo as necessidades da casa nas lojas de perto..."

Como se observa, há subjacente um significativo grau de dissonância cognitiva entre o camponês, suas condições materiais de trabalho, e o "conhecimento novo" necessário

à adequação funcional^{*}. O camponês, ao ignorar as funções que são exercidas pelos atravessadores no processo de comercialização, se auto-expropria ^{12/} ao cumprir com estas funções quando ele mesmo se transforma em vendedor.

De uma outra forma, os produtores entrevistados revelaram-se inconsequentes quando da utilização de advérbios e adjetivos para justificar a funcionalidade da estratégia comercialização direta. Em hipótese alguma podem-se medir ou quantificar coisas que não se sujeitam às leis básicas das quatro operações fundamentais e, neste caso, como os produtores não sabem mensurar o quanto ganham, tornam-se inaptos para qualificar resultados, o que geralmente os faz emitir opiniões em benefício próprio.

Nessas condições, a interpretação das causas dos problemas que interferem na eficácia da estratégia deverá considerar que o fato de se conhecer algo novo não significa mudança automática de comportamento, uma vez que somente um bom trabalho de sensibilização poderia mexer com as percepções e concepções dos produtores.

3.5.1 - Preços dos produtores

Os possíveis benefícios que uma política positiva de preços pudesse externar sobre o desempenho ou bem-estar dos pequenos produtores rurais (quer fosse acelerando ou desacelerando o crescimento da produção e assim assegurando os incrementos adequados às necessidades do consumidor urbano, quer fosse sinalizando preços que pudessem minimi

^{12/} Percebe-se com clareza que a idéia de eliminação do atravessador está fortemente correlacionada com a idéia de melhoria de ganhos, com idéia de lucro e com a idéia da eliminação de um peso morto - um mal necessário. A consequência desta percepção é a ineficácia funcional; é o camponês aperfeiçoando os erros já cometidos pelos atravessadores, através de uma prática muitas vezes ineficiente, arcando com os custos envolvidos com o desempenho deste "novo papel" e não remunerando as atividades por ele agora desempenhadas.

* Conforme foi definida na NR 7, p. 39.

zar riscos e incertezas), seriam neutralizados diante da realidade por que passam os camponeses Santarenos.

As complicações burocráticas dos programas oficiais de compras e empréstimos (AGF e EGF), a precariedade da infra-estrutura de armazenagem, a ineficácia do sistema de informação do mercado agrícola e a premente necessidade de moeda para a aquisição de produtos industrializados impedem os camponeses de postergarem vendas, conferindo-lhes um papel passivo, de submissão total e ordinária ao mercado em que estão inseridos e os fazem antepor a ilusão da vantagem financeira ao perfeito entendimento do movimento de preços relativos.

Os dados da tabela 29 evidenciam que, de um modo geral, produtores feirantes e produtores não feirantes consideram o preço do produto (seja este praticado por atravessadores ou praticados na feira-livre), como o melhor indicador na determinação do que plantar. Ora, num ambiente onde as flutuações no índice de preços agrícolas evidenciam perdas no poder aquisitivo do dinheiro, o crescimento da produção, supõe-se, vincula-se, necessariamente, às flutuações de preços dos insumos manufaturados e dos bens de consumo imprescindíveis à sobrevivência do camponês e sua família.

Neste sentido, a magnitude da disparidade constatada entre a informação da assistência técnica e o indicativo do preço do produto, como orientadores do que plantar, pode ser avaliada como um entrave de duplo efeito. Por um lado, impossibilita o produtor de melhor combinar suas atividades produtivas (culturas, criações, etc) e cria subjeção à assistência técnica; por outro lado, mistifica a assistência técnica e lhe confere um carácter de alheamento à tessitura do mercado e/ou à dinâmica da sócio-economia do local em que se realiza sua ação.

Uma das consequências desses entraves é o paradoxo "micro-macro". Os camponeses, enquanto tomadores de preços,

TABELA 29 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%), da variável considerada para determinar o que plantar, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Categorias Discriminação	Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Preço do produto	51	75,00	50	73,53	2,7400
Informações dos vizinhos	04	5,88	09	13,24	
Procura por compradores	11	16,18	08	11,76	
Informações da EMATER	02	2,94	01	1,47	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

se subordinam ao "preço de compra" que é ditado pelo mercado e que, invariavelmente, é inferior ou igual ao seu custo de produção. Mesmo assim, ao utilizar o preço como sinalizador do que plantar provoca, a nível micro, o comportamento racional de o produtor aumentar ou não a produção de determinado produto. Esta atitude é, a nível macro, assumida pelos outros produtores que assim, em um só conjunto, geram uma oferta adicional e, conseqüentemente, problemas de queda de preço ou, de outra forma, provocam escassez do produto acarretando problemas de aumento de preço. É de assinalar-se que esses resultados caracterizam um "efeito gangorra" que o produtor sente, mas que pouco entende.

A análise a seguir compreende o desdobramento, ao nível dos quatro principais produtos referenciados, da validação ou não do preço como melhor indicador na determinação do que plantar. A tabela 30 permite que se tirem conclusões acerca da variabilidade dos preços do arroz, da farinha de mandioca, do feijão e do milho. Comparando-se a variação dos preços reais entre a menor e a maior cotação (colunas 2 e 3), pode-se constatar, por exemplo, que o preço real do feijão, praticado no mercado atacadista de Santarém, por saca de 60 kg, variou de Cz\$1.684,65, em 1984, a Cz\$257,73, em 1985, apresentando portanto um decréscimo de 653%. Comportamento semelhante é também observado para os outros produtores (coluna 4), que embora apresentem níveis de decréscimo inferiores ao nível de decréscimo do feijão, evidenciam, de outra maneira, através do coeficiente de variação (coluna 5), dispersões ou desvios equivalentes, relativamente às médias no período de 1982/88.

Estes resultados podem ser complementados pela taxa anual de crescimento (tendência), obtida por análise de regressão, para a variável preço médio real anual no mesmo período, cuja tendência é decrescente para todos os produtos analisados.

TABELA 30 - Média real, coeficiente de variação e taxa anual de crescimento (tendência) dos preços do arroz beneficiado, farinha de mandioca, feijão e milho no mercado atacadista de Santarém-PA, em valores constantes de março de 1986, no período de 1982/88.

Produtos	Preço Médio (1)	Menor Preço* (2)	Maior Preço* (3)	(3/2).100 (4)	Coeficiente de Variação (5)	% (a.a) (6)
Arroz	390,03	260,30(87)	734,40(83)	282	33	- 11,06
Farinha de Mandioca	296,46	170,08(85)	618,14(83)	363	30	- 1,41
Feijão	579,23	257,73(85)	1.684,65(84)	653	43	- 10,36
Milho	167,00	82,10(84)	353,25(83)	430	30	- 4,17

Fonte: Tabelas D₁, D₂, D₃ e D₄ (apêndice D).

- (1) Refere-se a média dos preços médios reais mensais.
- (5) Obtido pela divisão do desvio padrão pelo preço médio (1) multiplicando-se o quociente por 100.
- (6) Resultante do ajustamento de uma equação de tendência na forma $\text{Log } p_t = \text{Log } a + bt$, onde p é o preço médio real anual do produto e t é a tendência medida em anos.

(*) Os números entre parênteses referem-se aos anos de ocorrência.

Os dados das tabelas 31, 32 e 33 (ver ainda figuras 5, 6 e 7), mostram que as flutuações no preço do arroz, feijão e milho no mercado atacadista de Santarém está consoante à periodicidade da safra e da entressafra desses produtos. No primeiro semestre ocorre uma tendência de escassez de tais produtos devido à entressafra, provocando, desta forma, a alta do preço; no segundo semestre há aumento da oferta que causa uma baixa do preço.

Especificamente a farinha (tabela 34, figura 8), por ter a mandioca um período de plantio posterior ao do arroz em cerca de 60 dias e um período de colheita que transcorre ao longo de até 180 dias (do 12º a 18º mês após o plantio), apresenta uma flutuação no preço, supõe-se, decorrente do aquecimento das exportações via demanda de mercados periféricos (Belém e Manaus) e via intensidade do período chuvoso (fevereiro/abril) e a conseqüente "subida das águas" dos rios que irrigam toda a região.

De uma maneira geral, pode-se observar através do índice estacional ^{13/} que todos os quatro produtos, e principalmente a farinha de mandioca, têm seus preços abaixo do índice geral dos preços agrícolas e que, neste caso, os produtores destes produtos não encontram nos mesmos uma base sólida de sustentação do poder de compra do dinheiro gerado pela produção.

O entendimento ambíguo, por parte dos produtores, da problemática das flutuações no preço dos produtos agrícolas gera conseqüências desastrosas para a produção e para o abastecimento local. O "efeito gangorra" referido anteriormente, explicado pelo teorema da "teia de aranha" de MODERCAI EZEKIEL, deixa subjacente a existência de uma espécie de círculo vicioso, onde se alternam safras boas e preços baixos com safras ruins e preços altos. Nesta dinâmica, as dificuldades dos camponeses são necessariamente ampliadas e a utilização do preço

^{13/} A descrição do método pode ser encontrada em HOFFMAN (1980). p. 340.

TABELA 31 - Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços do arroz beneficiado no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Índice * Estacional	Desvio Padrão	Limite *	
			Superior	Inferior
Janeiro	91	10,96	102	80
Fevereiro	98	17,92	116	80
Março	102	14,72	117	87
Abril	93	9,68	103	83
Maió	86	9,07	95	77
Junho	78	8,13	87	70
Julho	82	6,80	89	75
Agosto	92	10,02	102	82
Setembro	87	9,63	93	78
Outubro	89	13,46	102	76
Novembro	91	9,97	101	81
Dezembro	93	11,63	104	82

Fonte: Tabela D₁ (apêndice D).

* Valores arredondados

TABELA 32 - Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços do feijão no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Índice Estacional	Desvio Padrão	Limite Superior *	Limite Inferior *
Janeiro	83	11,13	94	72
Fevereiro	93	11,80	105	81
Março	93	20,50	113	70
Abril	103	43,09	136	60
Maiο	99	30,68	139	68
Junho	90	16,03	106	74
Julho	101	20,69	121	81
Agosto	73	26,04	99	47
Setembro	74	20,12	94	54
Outubro	77	17,52	94	60
Novembro	78	20,61	98	58
Dezembro	81	7,49	88	74

Fonte: Tabela D₂ (apêndice D).

* Valores arredondados.

TABELA 33 - Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços do milho no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Índice Estacional *	Desvio Padrão	Limite Superior *	Limite Inferior *
Janeiro	98	13,70	112	84
Fevereiro	105	7,77	113	97
Março	102	24,15	126	78
Abril	126	25,37	151	101
Maiο	102	29,41	131	73
Junho	89	42,43	131	47
Julho	78	31,37	119	47
Agosto	72	18,03	90	54
Setembro	75	25,38	100	50
Outubro	82	19,44	101	63
Novembro	80	19,46	99	61
Dezembro	86	12,10	98	74

Fonte: Tabela D₃ (apêndice D).

* Valores arredondados

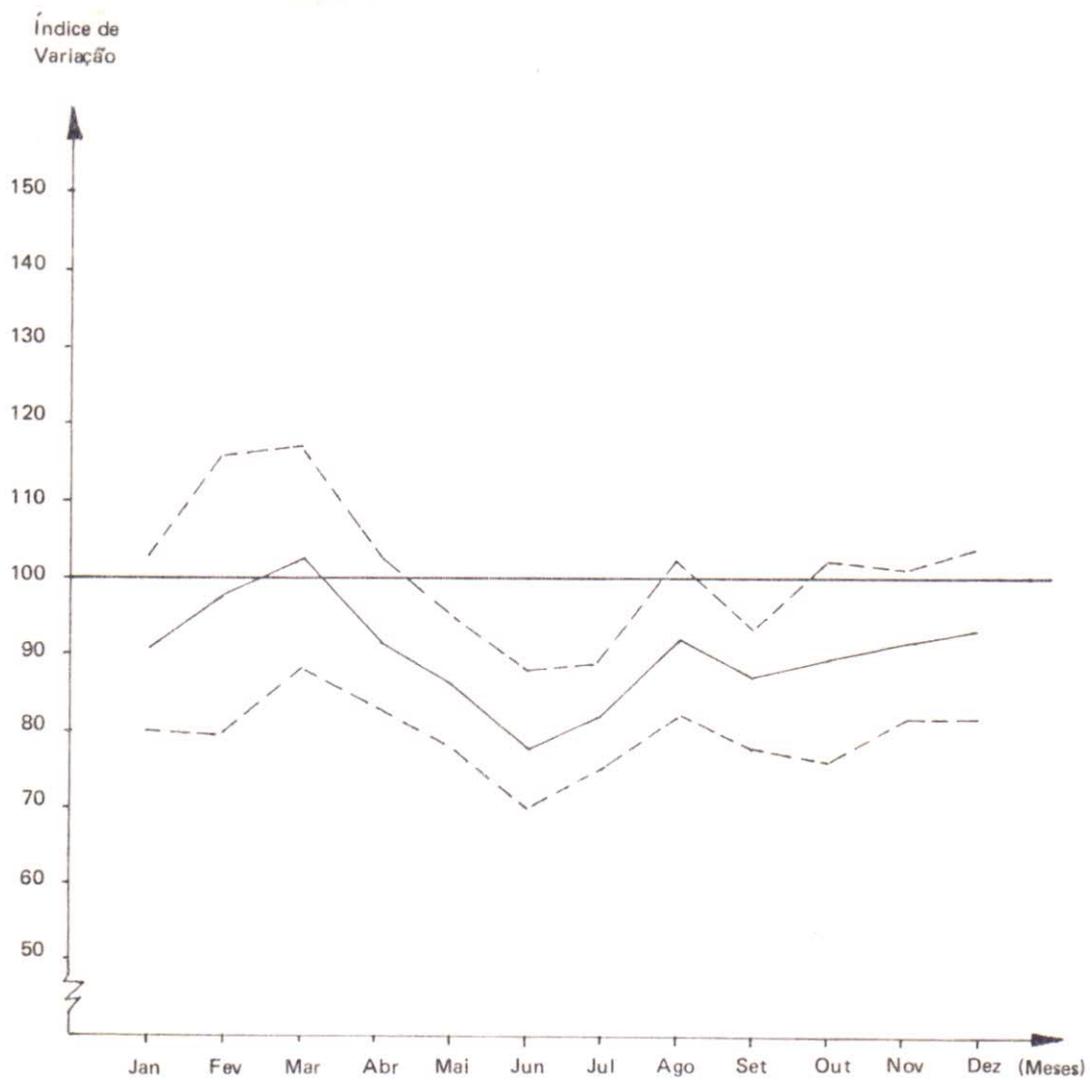
TABELA 34 - Índice estacional, limite de variação e desvio padrão dos preços da farinha de mandioca no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Índice Estacional *	Desvio Padrão	Limite Superior *	Limite Inferior *
Janeiro	67	2,85	70	64
Fevereiro	86	26,22	112	60
Março	86	31,54	117	54
Abril	85	41,58	126	43
Maiο	80	31,24	111	49
Junho	67	14,02	81	53
Julho	70	19,45	89	50
Agosto	65	15,78	81	49
Setembro	65	13,35	78	51
Outubro	72	14,77	86	57
Novembro	74	15,40	89	58
Dezembro	71	11,75	82	59

Fonte: Tabela D₄ (apêndice D).

* Valores arredondados.

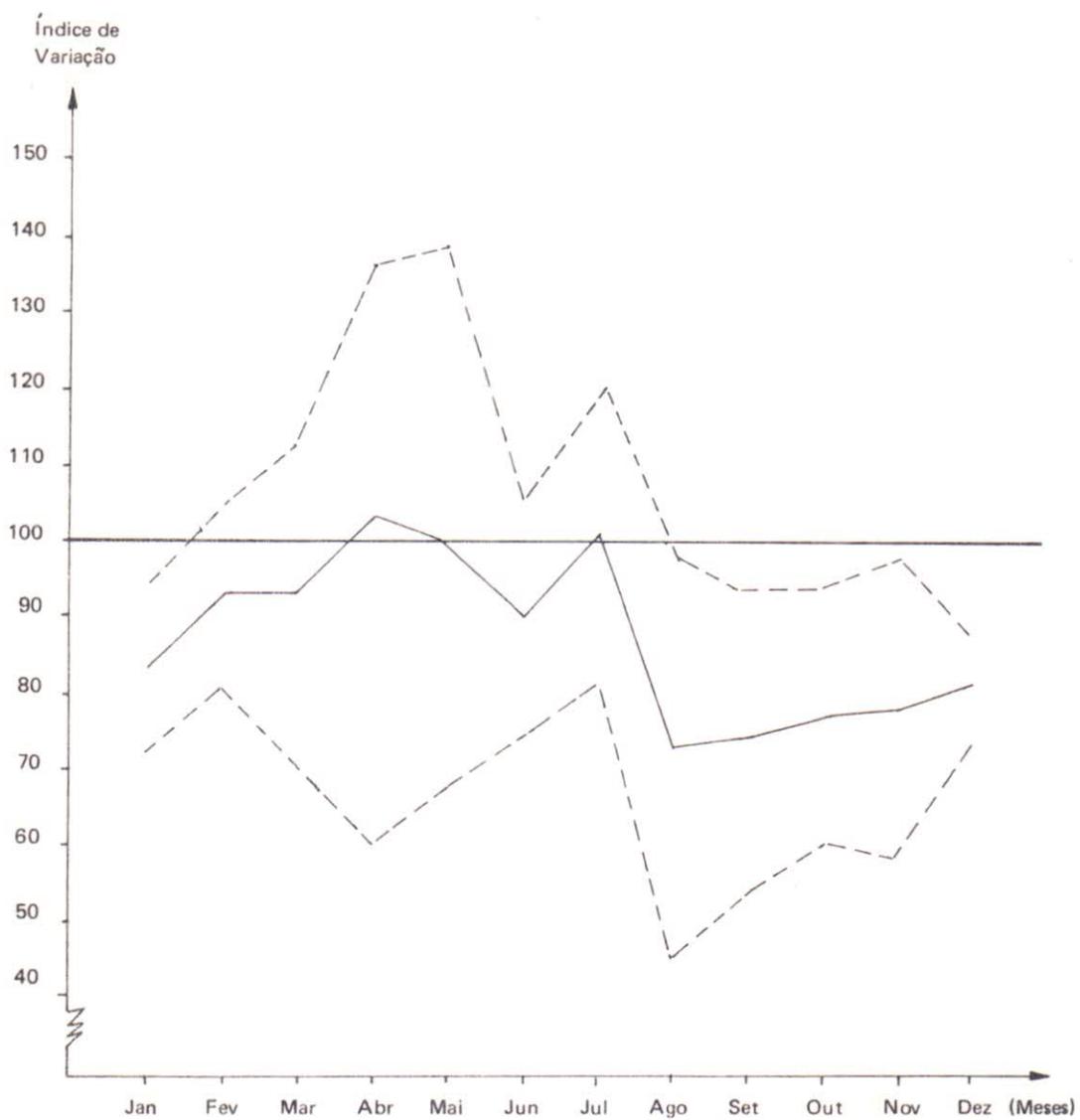
Índice de variação estacional das médias mensais dos preços do arroz beneficiado no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.



Fonte: Tabela 31

Figura 5

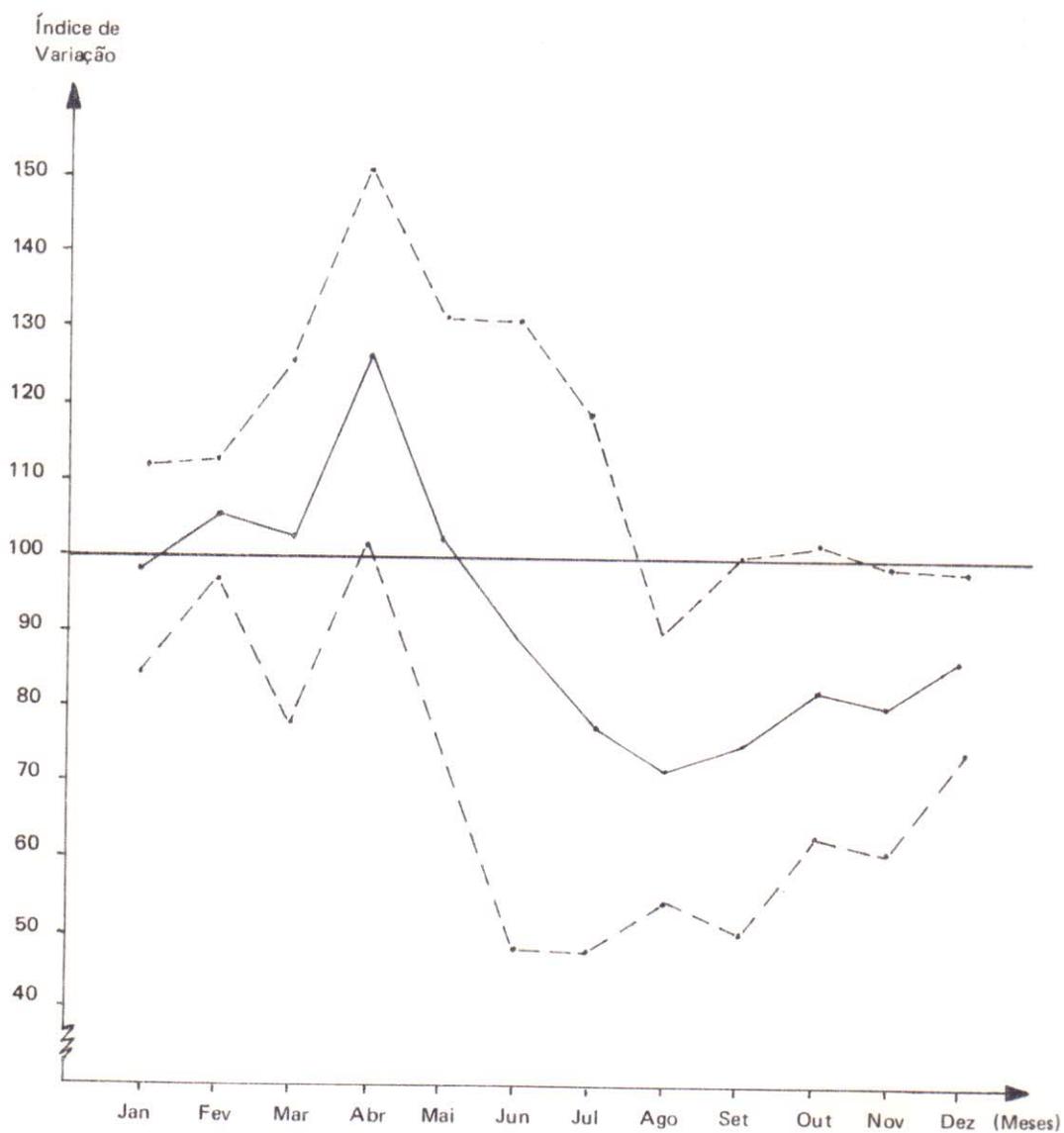
Índice de variação estacional das médias mensais dos preços do feijão no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.



Fonte: Tabela 32

Figura 6

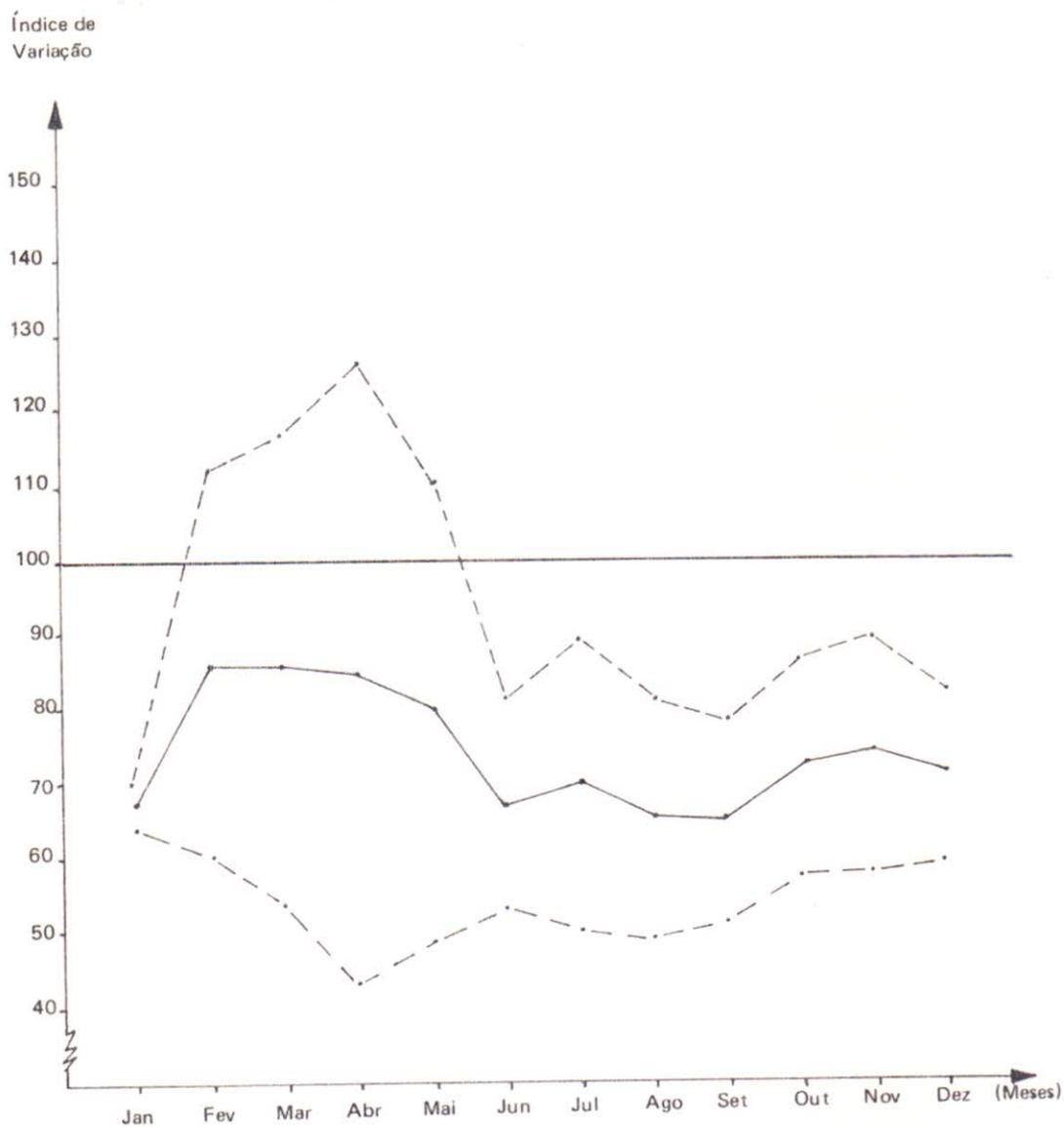
Índice de variação estacional das médias mensais dos preços do milho no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.



Fonte: Tabela 33

Figura 7

Índice de variação estacional das médias mensais dos preços da farinha de mandioca no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.



Fonte: Tabela 34

Figura 8

defasado como indicador do que plantar constitui-se numa contradição.

Por esses motivos, poucos serão os produtores feirantes (e mesmo não feirantes) que, baseados nos preços, poderão auferir vantagens em seus negócios; principalmente aqueles cujo nível de instrução, experiência administrativa e conhecimentos não lhes possibilitem a diversificação de lavouras e criações, bem como a diminuição da ociosidade da terra, e que são a maioria dos produtores de Santarém, como veremos adiante.

Apesar de haver a possibilidade de vantagens, é de se achar que o preço na forma como vem sendo tratado e acrescido dos problemas derivados da relação de troca, que aqui não foram analisados mas que é de conhecimento de todos, constitui-se num ponto de estrangulamento para a eficácia da estratégia "comercialização direta".

3.5.2 - Técnica de produção

Todo o material concernente à técnica de produção, resultante da pesquisa, evidencia o baixo nível tecnológico em que é praticada a agricultura no município de Santarém, principalmente aquela relacionada com as culturas do arroz, feijão, mandioca e milho, já comentadas no item 2.1.3.

Através dos dados da tabela 35, podemos inferir que a diferença apontada no aspecto da utilização da semente selecionada perde sua significância quando analisada no conjunto, isto é: quando se contextualiza com as demais tecnologias constantes da pesquisa e apresentadas na mesma tabela. No que interessa mais de perto, a igualdade ou não diferenciação entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes reflete os corolários da atuação das forças sócio-culturais, principalmente aquelas relacionadas

TABELA 35- Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) das tecnologias usadas^{1/}, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Categorias	Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	
- Destocamento					
. Sim	9	13,23	8	11,76	0,0672
. Não	59	86,77	60	88,24	
- Coveamento					
. Sim	64	94,12	66	97,06	0,6974
. Não	4	5,88	2	2,94	
- Espaçamento recomendado					
. Sim	18	26,47	10	14,70	2,8783
. Não	50	73,53	58	85,30	
- Sementes selecionadas					
. Sim	7	10,29	1	1,47	4,7813 *
. Não	61	89,71	67	98,53	
- Combate as pragas					
. Sim	1	1,47	1	1,47	0,0000
. Não	67	98,53	67	98,53	
- Rotação					
. Sim	41	60,29	42	61,76	0,0309
. Não	27	39,71	26	38,24	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(*) significativo ao nível de 10%.

^{1/} diz respeito às culturas do arroz, milho, feijão e mandioca não foi observado o uso das práticas de irrigação, aração/gradagem e combate as doenças por nenhum dos produtores entrevistados.

com a renda e com as preferências dos consumidores (ver figura 4, p. 40) que, na realidade estudada, têm pouco poder de influenciar mudanças no processo produtivo. Desta maneira, os produtores não sentem a necessidade de modificar a utilização dos meios de produção e, principalmente, o modo de produzir, o que lhes exigiria uma melhor compreensão da sociedade em que estão inseridos.

Por outro lado, vale ressaltar que os resultados econômicos indicados através da renda líquida e da margem líquida não deveriam, necessariamente, ser apropriados no processo produtivo, visto que o camponês, ao conferir à produção apenas um valor de uso, não internaliza a necessidade de produzir mais, com técnicas melhores, para obter maiores lucros.

Os gastos com insumos modernos (pesticidas e fertilizantes químicos) são irrisórios, em ambos os conjuntos de unidades agrícolas (produtores rurais feirantes e não feirantes). A intensidade de uso da mão-de-obra (ver tabela 14) indica em média, ao ano, um total de 33,50 homens/dia por hectare, para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes, e um total de 26,93 homens/dia por hectare, para o conjunto das unidades agrícolas dos produtores não feirantes. Estes indicadores, quando contrastados com seus respectivos VPMe's e VPMg's (ver tabelas 9 e 11), realçam suas diferenciações, remetendo a categoria dos produtores feirantes a um nível de melhor racionalidade no uso desse fator.

O exame das tabelas 36 e 37 dá uma idéia de como os produtores, de um modo geral, estão desprovidos de condições adequadas para proceder o armazenamento. Além disto, inexistem armazens ou silos com melhor estruturação, próximos à produção. Como consequência, baixa a qualidade, especialmente dos cereais, face a inadequação da armazenagem, e ocorrem perdas na quantidade produzida.

É bom ainda observar que, nestas condições, as práticas de padronização, classificação e embalagem, assaz ineficientes, não permitiriam que o produtor atendesse às exi

gências da CIBRAZEM e conseqüentemente se credenciasse a ser beneficiário da política de preços mínimos, prática, aliás, desconhecida por todos os produtores entrevistados.

3.5.3 - Características da unidade de produção

A idade do chefe de família, bem como seu nível de instrução, podem se constituir em elementos sinérgicos à melhor assimilação das informações técnicas e econômicas, resultando num efeito positivo sobre a compreensão das causas dos problemas a que está afeto. Com este pensamento, a análise da variável idade do chefe de família e do atributo nível de instrução buscou verificar se o fato de o produtor ser feirante ou não se correlacionava com as razões acima expostas, bem como caracterizar as categorias das unidades agrícolas aqui estudadas.

Os dados das tabelas 3 e 27, já explorados no item 3.4.4, mutatis mutandis, indicam não haver diferenciação na escolaridade de ambas as categorias de produtores (feirantes e não feirantes) e permitem inferir que o grau de dificuldade ou facilidade denotado pelo produtor na captação de informações adicionais ou em sua capacidade de avaliar situações novas é igual para as duas categorias.

No caso da idade, "... os agricultores mais jovens estariam acumulando informações e experiências, obtendo retornos crescentes em suas atividades comerciais. Haveria uma determinada idade em que o agricultor teria adquirido um volume desejado de informações e atingido um nível máximo de habilidade e sucesso comercial. A partir dessa idade, além de o estoque de informações não aumentar (devido possivelmente aos custos mais elevados de adquirir novas informações, além da presença de riscos) começaria a ocorrer uma depreciação de suas informações, acompanhada de retornos decrescentes nas transações comerciais" (Becker, 1964 ap. Amaral, 1975).

TABELA 36 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "armazenamento", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), Santarém-PA - ano agrícola 1987/88.

	Feirantes						Não Feirantes						
	Arroz		Feijão		Milho		Arroz		Feijão		Milho		
	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	(A)	(%)	
- Tratamento													
• Faz	3	4,41	11	16,17	10	14,70	12	17,64	14	20,58	12	17,64	
• Não faz	65	95,59	57	83,83	58	85,30	56	82,36	54	79,42	56	82,36	
- Acondicionamento													
• Nenhum	57	83,83	3	4,41	12	17,64	43	63,25	2	2,94	18	26,47	
• Lata	1	1,47	6	8,82	3	4,41	6	8,82	9	13,23	8	11,76	
• Camburão	3	4,41	56	82,36	49	72,07	8	11,76	57	83,83	35	51,48	
• Saco	4	5,88	3	4,41	2	2,94	6	8,82	-	-	4	5,88	
• Outros	3	4,41	-	-	2	2,94	5	7,35	-	-	3	4,41	
- Local													
• Em casa	51	75,00	58	85,30	54	79,42	44	64,70	60	88,24	59	86,77	
• Armazém próprio	17	25,00	10	14,70	14	20,58	24	35,30	8	11,76	9	13,23	
• Armazém de outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
• Armazém do governo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
- Tempo													
• 01 mês	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
• 02 meses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
• 03 meses	-	-	-	-	-	-	2	2,94	2	2,94	2	2,94	
• > 03 meses	68	100,00	68	100,00	68	100,00	66	97,06	66	97,06	66	97,06	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 37 - Análise de variância e de média (%) das perdas ocorridas nas unidades agrícolas, segundo as categorias de produtores (feirantes e não feirantes), Santarém-PA - ano agrícola 1987/88.

Categorias Produtos	Variâncias		Médias (%)		Estatística "F"
	Feirantes	Não Feirantes	Feirantes	Não Feirantes	
Arroz	45,0536	107,6801	9,42	9,80	0,2536
Feijão	24,1042	21,2208	1,98	2,36	0,4654
Milho	87,3253	68,7838	6,56	6,85	0,1914

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(*) significativo ao nível de 1%.

Nas tabelas 38 e 39, verifica-se que os grupos não se diferenciam quanto à idade. Entretanto, é bom evidenciar que cerca de 73% dos produtores feirantes estão numa idade acima de 40 anos, enquanto 60% dos produtores não feirantes situam-se neste patamar. Ora, pelo que se tentou até aqui evidenciar, a observação que se impõe é a de que a instrução e a idade do produtor vêm se constituindo em um obstáculo à internalização de novos procedimentos, por parte dos produtores, que poderiam resultar em melhorias em suas unidades agrícolas, inclusive em melhorias monetárias.

A fim de evitar os vieses causados pelas imperfeições nos mercados de terra, geralmente causadores de relação de dependência de arrendatários e parceiros aos grandes proprietários, foram entrevistados somente produtores proprietários. As tabelas 40 e 41 evidenciam não haver diferenciação entre as categorias de produtores feirantes e não feirantes quanto à origem da posse da propriedade e sua documentação. Não obstante, vale ressaltar que cerca de 30% dos produtores feirantes e 16% dos produtores não feirantes não possuem nenhum documento que legalize a posse de suas propriedades. Um outro aspecto de importância é a constatação de que menos de 5% do total de produtores pesquisados tiveram como origem da posse da propriedade a colonização.

Desta feita, a influência que poderia ser exercida sobre o desempenho comercial dos produtores, pela forma de acesso à terra, se refletiriam, acredita-se, nos preços recebidos; isto é: como os proprietários são mais flexíveis na tomada de decisões econômicas, o poder de barganha por eles exercido reflete-se num ajuste mais equilibrado, favorável à remuneração de sua produção. Por isso, coloca-se a hipótese de que a forma de acesso à terra não cria nenhum obstáculo à eficácia funcional da estratégia comercialização direta e não dificulta o acesso à entrada de outros produtores a essa modalidade de comercialização.

TABELA 38 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da idade dos produtores feirantes e não feirantes - Santarém-PA, 1989.

Estratos em anos	Categorias		χ^2
	Feirantes (A)	Não Feirantes (A)	
≤ 30	5	6	3,1370
30 ----- 40	13	21	
40 ----- 50	21	15	
50 ----- 60	19	17	
> 60	10	9	
T O T A L	68	68	--

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 39 - Variâncias e médias da idade dos produtores feirantes e não feirantes - Santa rêm-PA, 1989.

Estratos em anos	Variâncias			Médias		
	Feirantes	Não Feirantes	Valor de "F"	Feirantes	Não Feirantes	Valor de "t"
≤ 30	9,50	1,60	5,94	28,00	29,00	0,68
30 —— 40	7,23	9,73	1,34	35,69	36,33	0,62
40 —— 50	6,96	6,17	1,13	45,57	46,80	1,43
50 —— 60	9,80	8,15	1,20	55,63	56,17	1,01
> 60	23,38	22,69	1,03	66,40	67,22	0,37

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 40 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável origem da posse da propriedade, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Origem da posse	Categorias		X ²
	Feirantes (A)	Não Feirantes (A)	
Herança	13	09	5,5857
Compra	41	51	
Colonização	03	02	
Doação	06	01	
Ocupação	05	05	
TOTAL	68	68	100,00

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 41 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "documentação da propriedade, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Categorias Documentações	Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Escritura Pública	-	-	02	2,94	7,6454
Título definitivo	31	45,60	32	47,06	
Promessa de compra e venda	03	4,41	07	10,29	
Título provisório	04	5,88	02	2,94	
Licença de ocupação	03	4,41	05	7,35	
Nenhum documento	20	29,41	11	16,18	
Documento em tramitação	07	10,29	09	13,24	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

A distância da propriedade à cidade de Santarém, aqui considerada como uma das dimensões de localização, pressupõe haver correlação direta entre a distância e as dificuldades de comercializar a produção. SCHULTZ (1965) observa que o melhor funcionamento da organização econômica faz-se à medida que esta se circunscreve por uma matriz de desenvolvimento econômico e que tal funcionamento torna-se insatisfatório à medida que as zonas agrícolas constituam-se em periferia desta matriz.

A forma sincrética pela qual foram discutidos os aspectos sócio-econômicos da área de estudo (item 2.1) não minimiza a compreensão de que o município de Santarém tem uma vocação agrícola e impõe a qualquer analista a observação de existir uma certa harmonia entre a zona agrícola e o centro urbano do município. Mesmo assim, buscou-se eliminar qualquer influência que se constituísse em viés, entrevistando o mesmo número de produtores feirantes e não feirantes, para uma mesma distância da comunidade rural à sede do município.

As variações existentes em ambas as categorias de unidades agrícolas de produtores - feirantes e não feirantes - (ver tabela 14), no que concerne à intensidade do uso da terra, criariam vieses nas interpretações a respeito da escala de operação. Não obstante, pode-se inferir que, de uma forma bastante específica, o número de produtores que se vêem prejudicados em melhorar os ganhos de escala na comercialização (face à quantidade vendida e tomando por suposição uma relação linear entre quantidade produzida e área total cultivada) é bastante reduzido. Embora se saiba que a venda de maiores quantidades se refletiram em redução dos custos médios de comercialização, deixou-se de realizar o estudo que indicaria qual a escala de operação que melhor caracteriza o produtor feirante ou que lhe confere melhores retornos comerciais. Isto porque foram estabelecidos os quatro produtos: arroz, feijão, mandioca e milho - produtos dirigidos principalmente ao mercado local - como os ba

lizadores de diversos índices aqui apropriados. Entretanto, os resultados econômicos (monetários) são obtidos pela venda de um número considerável de produtos que incluem, dentre outros, produtos extrativos, ervas medicinais, produtos olerícolas e produtos resultantes da transformação artesanal, na dita indústria rural doméstica.

Sem perder de vista este contexto e com base nos indicadores de tabela 14, pode-se concluir, com relativa margem de segurança, que a escala de produção não se constitui em obstáculo para a eficácia funcional da estratégia feira-livre. Destarte, analisando-se a variância da área total cultivada (tabela 14), o VPMe e VPMg desse fator (tabela 9 e 11), para ambas as categorias de unidades agrícolas, observar-se-ão razões para a asserção referida.

Os resultados da análise do volume de informações estão cortidos nas tabelas 42 e 43. Conforme se observa, foi investigada uma variável, no caso a frequência da assistência técnica, e um atributo, que diz respeito à qualidade desta assistência. Além disso, com a utilização de perguntas abertas, ficou evidenciado ser o contato com profissionais de agropecuária o modo pelo qual os produtores entrevistados obtinham informações.

A assiduidade às leituras de informes agropecuários, bem como o hábito de ouvir (pelo rádio) programas afins à vida rural, são atributos que os produtores, tanto feirantes como não feirantes, não cultivam. Aliás, ficou evidenciado que o programa radiofônico "Fruto da Terra", levado ao ar pela Rádio Rural de Santarém (todos os sábados às 13h15m), com produção da Emater, tem pouca audiência, especialmente por parte dos produtores feirantes, que aos sábados, amiúde, encontram-se ocupados na feira-livre.

A frequência da assistência técnica e sua qualidade, nas circunstâncias em que o produtor pouco lê (ou não lê) e pouco se utiliza dos meios de teleinformação (rádio, televisão), são componentes estratégicos para, o que foi observado inicialmente, "mexer" com as percepções e

TABELA 42 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "frequência da assistência técnica", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Frequência	Feirantes		Não Feirantes		X ²
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Semanal	-	-	-	-	4,5480
Quinzenal	-	-	02	2,94	
Mensal	08	11,76	04	5,88	
Semestral	23	33,82	18	26,47	
Anual	37	54,42	44	64,71	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA 43 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) do atributo "qualidade da assistência técnica recebida", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Qualidade	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
Desnecessária	6	8,82	11	16,18	12,4632 *
Precária	10	14,71	24	35,29	
Mais ou menos	34	50,00	25	36,77	
Boa	16	23,53	7	10,29	
Excelente	2	2,94	1	1,47	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

* significativa ao nível de 5%.

concepções dos produtores. Ora, como deixam transparecer as tabelas 42 e 43, a assistência técnica (ATER), antes de se constituir num ponto de equilíbrio entre o "desenvolvimento" do produtor rural e as forças requeridas para harmonizar tal desenvolvimento, constitui-se em algo inatingível, em um "neo-qualquer-coisa", à medida que se distancia do produtor rural.

Assim, como o volume de informações (funções da interação ATER/Produtor Rural) mostra-se insuficiente, a ineficácia dessa interação faz crescer em termos de contradição a (in) capacidade funcional de os produtores cumprirem com os objetivos da feira-livre*. Tal situação engendra um emaranhado de equívocos (conotações e denotações já referidas), os quais, aliados às forças político-econômicas e sócio-culturais, remetem o produtor feirante a um estado de anomia, em relação à sua prática de comercialização.

3.5.4 - Racionalização interacional

A figura 2 sintetiza as articulações e/ou envolvimentos interinstitucionais precursores da montagem da feira-livre. É bom evidenciar que tal fato não se constituiu em lição, história ou exemplo. As articulações ocorreram mais por caráter tático que por necessidade estratégica de se garantir a obtenção de melhores resultados.

Esta integração (articulação) suscita numa velha modalidade de se confundir "movimento" com "ação" e, pelo menos na prática da feira-livre, pretendia reconciliar os fatos da complexidade da realidade dos pequenos produtores rurais de Santarém com os imperativos da finalidade operacional de cada instituição formal envolvida. Infelizmente, este modelo de articulação é intrinsecamente frágil e inconsistente para prover ou catalizar a resolução de proble

* Conforme o que foi definido para as quatro características, NR 7, p. 39.

mas que exigem, além de competência técnica e interpesoal, comprometimento.

Todavia, há uma virtude bem evidente neste esforço de articulação, qual seja: a de apoio inicial. Este apoio estimulou os produtores envolvidos para o equacionamento de alguns problemas emergenciais e os colocou diante do desafio de compreenderem as possíveis facetas da dinâmica do mercado, obrigando-os ao discernimento de escolher, enfrentar e concentrar-se naqueles problemas que o momento de terminava como os de maior importância para o sucesso da estratégia "comercialização direta" e para a evolução dos próprios produtores. É bom ressaltar que, nesta fase, a EMATER exerceu um importante papel interativo.

Mas, como foi dito, tal articulação não teve caráter estratégico e, conseqüentemente, sua duração foi efêmera. Os problemas derivados daí assumem inúmeras nuances meio definidas:

a) o sistema atual de transporte, além de deficiente, é caro. O transporte engloba cerca de 43,64% das despesas relacionadas com a produção e comercialização, e analisando só as despesas com a comercialização, (excentuando-se os custos de classificação e embalagem), esta participação é da ordem de 75,27%;

b) o poder público municipal não tem preocupação com o abastecimento alimentar, nem com a qualidade dos alimentos que são ingeridos pela população. Assim, os produtores não são motivados a produzir mais e melhor (ver item 2.6), não são subsidiados e permanecem, ainda, após 5 anos, vendendo sua produção no meio da rua, sujeitos às intempéries; não são, finalmente, reconhecidos como agentes econômicos ativos, paradoxalmente, num município cujas características são as de vocação puramente rural;

c) os serviços de assistência técnica e extensão rural não estão sintonizados com a demanda urbana; não trabalham eficazmente "em cima" dos produtos mais vendidos nos dias de feira; não investigam o mercado e, portanto, pouco

oferecem em termos de conhecimento e impulso para o desenvolvimento agrícola, o que, sem dúvida, debilita a estratégia de envolvimento da agricultura com os outros setores da economia municipal.

Estes, dentre outros, são alguns dos problemas que vicejam no campo fértil da irracionalidade interacional das instituições públicas: autarcizantes; desvinculadas das finalidades precípuas para as quais foram criadas.

Releva notar, porém, que neste período os produtores feirantes conseguiram alguns avanços: fundaram a associação dos produtores rurais de Santarém - APRUSAN; adquiriram uma pequena casa, nas proximidades do local da feira, onde guardam o excedente não comercializado e, graças a um envolvimento mais pessoal, conseguiram alguns bens materiais junto às instituições de apoio contínuo (ver figura 2).

A falta de interação entre os órgãos institucionais e entre a sociedade civil obscurece o paradigma da síntese ideal entre a interdependência dos cidadãos (munícipes santarenos) e a intercomplementaridade de suas ações na gestão dos problemas que os afetam. Um bom exemplo, contido de forma subjacente no item 2.1 e na figura 4, pode ser explorado: assumindo que o fato de o produtor comercializar diretamente a produção já implica numa redução do preço pago pelo consumidor, qualquer ação que viabilizasse melhorar a produção ou a eficiência na comercialização concorreria para reduzir ainda mais este preço. Ora, como a economia de Santarém se caracteriza pelo baixo nível de renda de seus habitantes ¹⁴/, a redução nos preços dos produtos agrícolas se constituiria em benefício para a grande maioria da população que, sabidamente, é a que gasta maior parcela de renda em alimentação.

Como externalidades, o incremento na quantidade de

¹⁴/ Um melhor entendimento da sócio-economia do município de Santarém pode ser obtido em SILVEIRA, 1988.

alimentos consumidos, a melhoria do suprimento das necessidades dietéticas e os gastos com bens não alimentícios se constituiriam em mudanças de efeito multiplicador, não só para os produtores rurais, mas para toda a sociedade.

3.5.5 - Capacidade técnica e administrativa

Alguns dos atributos relacionados para analisar a capacidade técnica e administrativa dos produtores feirantes (ver sub-ítem "e", p.33), já foram, de alguma forma, explicitados anteriormente, e acredita-se que isso não venha a prejudicar a essencialidade dos mesmos ao atendimento das questões ora discutidas.

A tabela 44 põe em evidência a preferência que o produtor denota ter pela forma de resolver seus problemas agropecuários. Este comportamento manifesto diz bem de sua idiossincrasia e permite inferir que sua percepção das instituições públicas está forjada por concepções negativas, ou que aquelas instituições não vêm desempenhando satisfatoriamente seu papel.

A grande maioria dos produtores entrevistados, cerca de 90% em ambas as categorias (feirante e não feirante), tiveram como fonte de aprendizagem a própria família, o próprio "roçado", o ambiente de seus antepassados. Parece então haver coerência em se supor que o processo de resolução de problemas por que passaram ao longo de suas experiências era aquele estritamente familiar.

Nestas circunstâncias, e assumindo que o nível de instrução formal e o volume de informações são insuficientes, que a ruptura estabelecida entre conhecimento e prática é crescente, o jugo a que ficam sujeitos os pequenos produtores diante da expansão capitalista é contínuo, progressivo e aniquilador.

A justaposição das tabelas 38 e 45 dá idéia do

TABELA 44 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "a quem re_ucorre para resolver problemas agropecuários", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Discriminação	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
EMATER	25	36,76	16	23,53	4,6675
SAGRI	-	-	01	1,47	
Prefeitura	-	-	-	-	
Político	-	-	-	-	
Vizinho	8	11,76	14	20,59	
Outros (*)	35	51,48	37	54,41	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	-

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

(*) Resolve sozinho; não toma decisão; faz replantio.

TABELA 45 - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável "tempo de experiência na agricultura", segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes) - Santarém-PA, 1989.

Tempo de experiência	Feirantes		Não Feirantes		χ^2
	(A)	(%)	(A)	(%)	
de 2 a 5 anos	-	-	02	2,94	2,6667
de 5 a 10 anos	04	5,88	02	2,94	
mais de 10 anos	64	94,12	64	94,12	
T O T A L	68	100,00	68	100,00	

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

complexo que forja as concepções dos produtores - a idade e o tempo de experiência na agricultura. Estes fatores pessoais, aliados aos outros anteriormente explicitados, podem bem dizer da consonância entre as habilidades (tradicionais) dos produtores e a atitude proativa que deveriam tomar frente aos problemas por que passam.

Com referência aos treinamentos recebidos, suas influências sobre habilidades administrativas e grau de ajuste às necessidades sociais ^{15/} a que estão submetidos os pequenos produtores, é reconhecida a disjunção. Os produtores não se submeteram a um treinamento sobre comercialização e pouco compreendem as complicações de mercado. Qualificam os resultados esquecendo-se de que os advérbios e adjetivos não se adicionam, não se subtraem, não se multiplicam, não se dividem; enfim: não se constituem em indicadores precisos para se tomar uma decisão.

^{15/} Societais é aqui utilizado para exprimir o conjunto das necessidades extra-organização (importação, conversão, exportação) se subordinam à dinâmica do ambiente que circunscreve a organização, no caso os produtores rurais ou os feirantes, em seu conjunto.

4 - CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

4.1 - Conclusões

O objetivo estabelecido na pesquisa busca mostrar as repercussões da praticidade da estratégia "comercialização direta - produtor/consumidor" - e, de forma subjacente, perscrutar se tal estratégia não se constitui tão somente numa "tática", num mecanismo alternativo que o produtor usa e aceita face às dificuldades por que passa.

Assim é que não se pode deixar de considerar os aspectos que caracterizam a dinâmica do desenvolvimento sócio-econômico, próprios do município onde se localiza o estudo. A tecnologia, o processo de transformação estrutural, a dinâmica do capital e o grau de ruptura que se estabelece entre o camponês e os seus meios de produção/reprodução são alguns destes aspectos, imprescindíveis ao bom discernimento das questões aqui apresentadas.

Reconhece-se, entretanto, que o presente estudo constitui-se numa análise positiva, de contraste entre grupos, com limitações de carácter metodológico. Contudo, explicita-se algumas conclusões consideradas importantes, que são as seguintes:

a) os produtores feirantes diferem dos produtores não feirantes, quanto às características de suas respectivas unidades produtivas, mormente a combinação dos fatores produtivos, evidenciando-se uma melhor utilização desses fatores pelos produtores feirantes.

b) o fato de o produtor comercializar a própria produção diretamente com o consumidor final influencia positivamente a renda líquida, dando àqueles produtores fei

rantes melhores retornos. Entretanto, é bom ressaltar que, dentre os produtores feirantes, 33,82% auferem até 3 salários mínimos de renda líquida mensal e que nos custos de produção não foi contabilizada a remuneração da mão-de-obra familiar envolvida no processo produtivo. Por outro lado foi estimado um deságio de 20% sobre o valor bruto da produção dos produtores não feirantes (ver Ítem 4.2). Isto evidencia, em parte um certo grau de ineficácia funcional da estratégia "comercialização direta", associado às pressões causadas pelas forças político-econômicas e sócio-culturais inerentes ao ambiente (ver Ítem 2.6).

c) os resultados econômicos, verificados através da análise marginal (Ítem 3.3), mostram que o conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes obtém maiores margens bruta e líquida que o conjunto das unidades agrícolas dos produtores não feirantes. Este fato é devido basicamente à diferença existente no valor bruto da produção, uma vez que tanto o custo variável como o fixo são praticamente iguais para o conjunto das duas categorias de unidades agrícolas. É bom observar através do detalhamento do custo variável (tabela 17), bem como dos fatores pessoais tratados no ítem 3.4 - Aspectos Sociais - que basicamente inexistem diferenças intergrupais que possibilitem a identificação de um sistema de produção diferenciado, pro-feirante, que sirva de paradigma à elaboração de planos de ATER capazes de conduzir ao uso mais racional dos fatores de produção ou à síntese ideal entre ser feirante e obter maior margem bruta. Mesmo assim, não se deve omitir que a relação entre os dois grupos, no custo de mão-de-obra (tabela 17) e na margem bruta por hectare (justaposição das tabelas 18 e 14), põe em evidência uma pequena melhoria na racionalização instrumental, por parte dos produtores feirantes.

d) identificou-se que melhorou a compreensão da existência de interdependência da unidade de produção com o ambiente (embora isto não tenha se refletido em modernização destas unidades) e que o encurtamento da "distância social" entre os produtores feirantes e entre estes e a população

urbana (sede do município), se manifestou de maneira positiva sobre o processo de organização dos produtores. A fundação da APRUSAN, a flexibilidade da estrutura organizacional da feira dos produtores (figura 3), bem como seu caráter de informalidade, são alguns dos indicadores de crescimento, na autonomia e na capacidade decisória, por que passam os produtores feirantes. Em contraponto, os fatores de ordem cultural, psico-social e econômica igualam ambas as categorias de produtores (feirantes e não feirantes) num nível de impotência que lhes impedem de conhecer melhor seu ambiente, o papel que desempenham neste ambiente e o requerimento das forças propulsoras da correção das dificuldades ou deficiências próprias do ambiente em que vivem. Note-se bem, que a diferença de renda apontada em favor do conjunto das unidades agrícolas dos produtores feirantes não foi apropriada em bem-estar: pelos menos é o que as evidências permitem supor.

e) a produção, ao restringir-se basicamente às necessidades do mercado local, amplia todas as dificuldades comuns à interdependência de seu processamento à comercialização. Basicamente os feirantes não têm "capacidade funcional" e a execução da estratégia "comercialização direta" colocou-os diante de um sorvedouro disfarçado: o consumidor urbano. A assistência técnica alheou-se do processo; o apoio das demais instituições ligadas às atividades rurais, bem como o interesse do poder público municipal sobre os pré-requisitos para "adequação funcional", foram elevados à categoria do inatingível.

4.2 - Limitações

Para estudos dirigidos ao meio rural e baseados em variáveis sócio-econômicas, as limitações são impostas pelo dinamismo das transformações que se operam nesse ambiente (especialmente aquelas de caráter cognitivo e que dizem respeito ao sujeito - o produtor, no caso), sua forma e conteúdo

do, face ao sistema de acompanhamento dessas transformações. A insuficiente capacidade administrativa do produtor, ao limitar o controle e registro de suas atividades, gera a dificuldade no uso de instrumental teórico apropriado para se efetivar um levantamento bem criterioso dessas transformações. No caso do presente estudo, foram identificadas as seguintes limitações:

a) por não existir um diagnóstico "ex-ante" à entrada dos produtores na feira-livre, utilizou-se somente o grupo de controle para efeito de comparação com a situação "ex-post" à utilização da estratégia "comercialização direta". Se a análise tivesse por base a metodologia "antes e depois com grupo de controle" se diminuiriam as incertezas em relação as características dos produtores feirantes (grupo experimental), à época em que eles ingressaram na feira-livre (variável experimental), aferindo-se o grau de influência das mesmas sobre os resultados.

b) a diferença entre o preço pago pelo atravessador e o preço recebido pelo produtor feirante foi estimada num período muito curto (60 dias de pesquisa), que não abrangeu necessariamente o ciclo das diferentes culturas produzidas e comercializadas pelos produtores não feirantes. Neste caso, o deságio de 20% (arbitrado para o período de safra e entressafra indistintamente) pode estar sub ou superestimado.

c) a comparação entre os dois grupos de produtores assume uma forma estática e nega toda a dinâmica de resistência desses grupos - racionalidade histórica - frente à realidade por eles vivida (inclusive a problemática da comercialização).

4.3 - Sugestões

Na parte introdutória deste trabalho fez-se referên

Na parte introdutória deste trabalho fez-se referência de que o mesmo não se constituia em uma avaliação da prática da Extensão Rural, mas sim de uma verificação na adequação da estratégia "comercialização direta". Com este sentido, as questões surgidas, face ao seu caráter provisório e primário, devem sugerir uma reflexão - antes de se constituírem em verdades conclusivas.

Assim sugere-se a ATER:

a) examinar as inter-relações que a estratégia "comercialização direta" prediz (tanto as relacionadas com o mercado como as de apoio institucional), observando o modo pelo qual vêm funcionando e adotar medidas corretivas.

b) Considerar, numa perspectiva ampla, os costumes e as preferências nos hábitos locais de alimentação, como orientadores no processo de organização da produção e da ATER, diminuindo as incertezas na comercialização.

c) adotar como sistemática a documentação da situação "ex-ante" à implantação de qualquer projeto.

d) tornar possível aos agricultores o conhecimento mínimo indispensável dos conceitos fundamentais em matérias tecnológicas, gerenciais, econômicas e de comercialização.

e) utilizar a experiência da comercialização como o indicador primário de coordenação das atividades de produção, distribuição e consumo e como adjuntor dos pequenos produtores rurais nas ações que os mesmos devem tomar para seu próprio benefício.

f) perquirir se, exclusivamente, a eliminação da intermediação deveria se traduzir compulsoriamente na melhoria do bem estar social e na melhoria do uso racional dos fatores de produção dos produtores envolvidos.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, J. C. The role of marketing in the development of backward agricultural economics. *J. Farm Economics*, 2 : 349-62, maio, 1962.
- AMARAL, Cicely, M. Aspectos da comercialização na agricultura de baixa renda. São Paulo, USP, 1975. 71p.(tese:M.S.).
- BUSSAB, Wilton O. & MORETITIN, Pedro A. Estatística básica. 3 ed. São Paulo, Atual, 1986. 32p. (Coleção métodos quantitativos).
- CANUTO, João Carlos & QUESADA, Gustavo M. A. A ação social da EMBRATER; autonomia do pequeno agricultor ou a acumulação capitalista? *Rev. Economia Rural*. Brasília, 22 (02): 169-76, Abr./Jun.1984.
- CARDOSO, Fernando H. & MULLER, G. Amazônia; a expansão do capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1978. 208p.
- CASTRO, Ana Célia et alii. Evolução recente e situação atual da agricultura brasileira; síntese de transformações. Brasília, BINAGRE, 1979. 270p. (Estudos sobre o desenvolvimento agrícola, 7).
- CENTRAIS DE ABASTECIMENTO DO PARÁ. Aspectos da comercialização de produtos hortigranjeiros da cidade de Santarém. Belém, Convênio SAGRI/CEASA, 1980. 114p.
- CLODIUS, R.L. & MUELLER, W.F. Market structure analysis as an orientation for research in agricultural economics. *J. Farm Economics*, 43 (3): 515-33, Ago., 1961.

- EMATER-GO. A extensão rural e a comercialização, por Antonio Bento de Souza. Goiânia, 1980. 14p.
- EMATER-PA. Projeto da feira-livre do produtor rural. Santa rêm, 1983. 13p.
- FONSECA, Maria Teresa Lousa da. A extensão rural no Brasil, um projeto educativo para o capital. São Paulo, Edições Loyola, 1985. 191p. (Educação popular, 3)
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo agropecuário. v.3, t.4, Rio de Janeiro, 1970.
- _____. Censo agropecuário. v.2,t.3,n.6. Rio de Janeiro, 1980.
- _____. Produção agrícola municipal; região Norte/Nordes te. v.13. t.1. Rio de Janeiro, 1988.
- GAL, Naphtali. A organização cooperativa e o desenvolvimento rural. Fortaleza, BNB-ETENE, 1981. 103p.
- HARRISON, Kelly, et alii. Mejoramiento de los sistemas de comercializacion de alimentos en los paises en desarrollo; experiencias en América Latina. San José, Costa Rica, IICA, 1976. 71p. (Publicaciones miscelaneas, 139).
- HOFFMAN, Rodolfo. Estatística para economistas. São Paulo, Pioneira, 1980. 379p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
- IANNI, Otávio. Ditadura e a agricultura; o desenvolvimento do capitalismo na amazônia 1964-1978. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. 249p.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO PARÁ . Estatísticas demográficas do Estado do Pará. Belém, 1987. 157p.

- JOHNSTON, J. Métodos econométricos. São Paulo, Atlas, 1977. 318p.
- KMENTA, J. Elementos de econometria. São Paulo, Atlas, 1978. 685p.
- KRIESBERG, M. & STEELE, M. Mejoramiento de los sistemas de comercialización en los países en desarrollo. San José, IICA, 1974. 69p. (Série desarrollo institucional, 3).
- LOPES, Juarez B. Desenvolvimento e migrações; uma abordagem histórica estrutural. São Paulo, CEBRAP, 1973. 123p.
- MITTENDORF, H. J. A organização de sistemas urbanos de comercialização de alimentos para o desenvolvimento rural. Brasília, COBAL, 1978 n.p.
- PACHECO, Maria Emília Lisboa. Pequena produção sob o domínio do capital comercial e usurário. Rio de Janeiro, UFJ, 1980. 149p. (tese: M.S.)
- PAIVA, Rui Miller. A melhoria do mercado e da comercialização nos países em desenvolvimento. Rev. Bras. Economia. Rio de Janeiro, 22 (2): p.44-52, 1968.
- PERES, Fernando Curi. O pequeno produtor e o abastecimento do mercado interno de gêneros alimentícios. Rev. Econ. Rural. Brasília, SOBER, 17 (3): 79-83, Jul./Set., 1979.
- PIACESI, Meive Ausonia. Feira dos produtores rurais de Santarém-Pará. Santarém, s. ed., 1968. n.p.
- PINAGRE, Angel Gabriel V. & FUENTES, César Osvaldo W. Pequenos agricultores; métodos de avaliação econômica e financeira. Petrolina, EMBRAPA-CPTASA, 1984. 97p. (Série documentos, 25).

- QUERALT, Maria Amélia. Síntese e termos básicos sobre a problemática da pequena produção rural do Pará. Belém, CEPA-Pará, 1984. 63p.
- RODANTE, Antonio. Feira dos produtores de maringá e seus reflexos na economia regional. Maringá, Universidade Estadual, 1985. 28p. (Estudos, 8).
- RODRIGUES, Otávio Fernandes de Sousa. A relação entre trabalho e conhecimento campones. IN: Educação; a encruzilhada do ensino rural. São Paulo, 1986. p.50-6 (cadernos CEDES, 11).
- SANTANA, Antonio Cordeiro de. Análise sócio-econômica da pequena produção agrícola em Santa Izabel. Belém, FCAP, 1989. 70p.
- SCHULTZ, Theodore W. A transformação da agricultura tradicional. Rio de Janeiro, Zahar, 1965. 207p.
- SIEGEL, S. Estatística não paramétrica. São Paulo, McGraw - Hill do Brasil, 1975. 350p.
- SILVA, José F. Graziano & QUEDA, Oriowaldo. Comercialização e abastecimento; algumas questões. Brasília, SOBER, 1975. 19p. (Trabalho apresentado na XIII reunião da Sociedade Brasileira de Economia Rural. Curitiba, Jul./75).
- SILVEIRA, Francisco César G. A. da. Transição ao capitalismo dependente (caso da região do Baixo Amazonas e Tapajós). Santarém, Artesanato gráfico Tiagão, 1988. 280p.
- SOUZA, Noely Antonio. Comercialização agrícola; uma abordagem para extensionistas. Brasília, s. ed. 1981. 186p. (Versão Preliminar - não publicada).
- STELLE, Howard L.; VERA FILHO, Francisco; WELSH, Robert S. Comercialização agrícola. São Paulo, Atlas, 1971. 443p.

WEISS, Joseph & RAMPONI, Rubens Moncon. Uma avaliação do sistema de comercialização de hortigranjeiros. Rev. Econ. Rural. Brasília, SOBER, 19 (1): p.69-86, Jan./Mar., 1981.

WEITZ, R. Uma nova estratégia de desenvolvimento rural. Fortaleza, BNB, 1978. 319p.

WISNIENSKI, Aline F. da Costa, et alii. Comercialização de produtos agrícolas no Pará; fluxo primário e seus reflexos sobre o produtor. Belém, UFPA/NAEA, 1978. 111p.

YAMANE, T. Estatística. México, Harla, 1974. 561p.

APÊNDICE A

Delimitação das unidades produtivas
em classes econômicas

Regulamento da feira do produtor
rural de Santarém

Para delimitação das unidades produtivas em classes econômicas, Patnaik define o coeficiente de exploração do trabalho $E = (X/Y)$, onde X representa dias líquidos de trabalho de outros (considerados aqui apenas os dias de trabalho de assalariados) e Y representa dias de trabalho da mão-de-obra da família. A razão (X/Y) , expressa o grau de exploração econômica do trabalho de outras em relação ao grau de emprego da mão-de-obra da família. É, portanto, o índice que possibilita a classificação das unidades produtivas em classes econômicas mutuamente exclusivas. Os limites estabelecidos para o coeficiente **E** estão discriminados na tabela A_1 .

TABELA A_1 - A classificação de Patnaik para enquadramento de unidades produtivas em classes econômicas.

Classe Econômica	Delimitação	Observações
1 - Latifúndio	$E \rightarrow \infty$	X positivo e muito alto Y zero
2 - Camponês rico	$E \geq 1$	X positivo e alto Y positivo, $X \geq Y$
3 - Camponês médio	$-1 < E < 1$	Dividido em:
(i) médio superior	$0 < E < 1$	X positivo e pequeno Y positivo, $X < Y$
(ii) médio inferior	$-1 < E \leq 0$	X zero ou negativo, e pequeno Y positivo, $ X < Y$
4 - Camponês pobre	$E \leq -1$	X negativo e alto Y positivo, $ X \geq Y$
5 - Trabalhador rural	$E \rightarrow -\infty$	X negativo e muito alto Y zero

Fonte: PATNAIK ap. SANTANA (1989).

REGULAMENTO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE SANTARÉM

(atualizado em 28/10/88 com base nas discussões do V Encontro de Representantes)

ART 1º - A EMATER-Pará, Escritório Regional de Santarém, que até 04/12/84 era a coordenadora geral da Feira, passa a ter uma função de assessoria sendo criada uma coordenação formada por 5 produtores.

§ 1º - Atualmente a EMATER presta assessoria técnica nas seguintes atividades, orientação às comunidades; articulação interinstitucional; orientação e apoio direto ao grupo; coordenação, controle e análise técnica dos dados da pesquisa e outras atividades afins.

ART 2º - A coordenação é formada por um coordenador e um vice, um secretário e um vice e um tesoureiro, que exercerão mandato de 2 anos, e serão eleitos, pelos próprios produtores.

ART 3º - As decisões mais gerais da Feira serão tomadas após discussões com o Grupo Representantes, fiscais e coordenação e em questões mais significativas, o debate será ampliado a todos os produtores da Feira através das reuniões nas comunidades.

§ 1º - O Grupo de Representantes é formado por produtores que são eleitos por sua comunidade para representá-los junto à Feira.

§ 2º - O Grupo de Representantes deverá reunir-se mensalmente

mente com a coordenação para discutir questões referente à Feira.

§ 3º - O Representante que faltar 4 reuniões no semestre, será automaticamente afastado do cargo.

ART 4º - Um grupo de apoio formado pelas entidades; Prefeitura Municipal da Santarém, Secretaria de Agricultura, Associação Comercial e Câmara Municipal dará a colaboração necessária à Feira sempre que solicitado.

ART 5º - A Feira do Produtor Rural de Santarém, destina-se à venda exclusiva a varejo, de produtos hortigranjeiros, cereais, pescados, carnes e doces caseiros.

§ Único - Entenda-se por produtos hortigranjeiros; cereais, carnes e pescados, frutas, farinha, arroz, feijão, milho, legumes, verduras, aves, mel, peixe fresco, linguiça e carne de porco.

ART 6º - Somente serão considerados feirantes, os elementos portadores de carteiras e que sejam realmente produtores, residentes na zona rural, ou bairro que permaneçam com características rurais.

§ Único - Os feirantes são obrigados a provar que são produtores e a declararem o lugar onde desenvolvem suas atividades agrícolas.

ART 7º - Se houver proposta de mudança de local da Feira, a comissão organizadora, deverá ouvir a opinião de seus associados antes de tomar qualquer decisão.

§ 1º - As feiras funcionarão nas sextas-feiras, nos sábados e domingos de 04:00 às 12:00 hs.

- § 2º - O horário do término será rigoroso, não podendo ficar nenhuma mercadoria após 12:00. A coordenação não se responsabiliza com os danos vausados após o horário.
- ART 8º - O feirante deve vender seus produtos, a varejo, diretamente ao consumidor. Tem entretanto liberdade de vender o excedente a qualquer pessoa interessada, desde que a venda seja feita apenas 2 horas antes de seu encerramento, ou seja de 10 às 12:00.
- ART 9º - Não será dada carteira para o produtor que tenha casa de comércio onde compre e venda produtos produzidos pelos agricultores.
- ART 10º- As mercadorias compradas nas feiras não poderão ser revendidas no mesmo local.
- § 1º - O feirante só poderá vender os seus próprios produtos não podendo comprar de outros.
- ART 11º- Não haverá ponto de venda pré-determinado, devendo cada feirante escolher o local de sua preferência à medida que for chegando.
- ART 12º- O litro será a medida preferencial adotada na Feira.
- ART 13º- Se não houver barracas ou estrado disponível o feirante pode expor seus produtos em cima de esteiras, lonas ou plásticos.
- § 1º - Quando necessário a coordenação providenciará novas barracas e estrados podendo ser realizados mu tirões para confeccioná-los.

§ 2º - Cada feirante é responsável pela proteção e cobertura dos seus produtos.

§ 3º - O próprio produtor é responsável pela colocação do estrado na rua e guarda do mesmo, no pátio da rádio Rural.

ART 14º- Terminada a Feira, no prazo mais curto possível, a Prefeitura fará a limpeza da área ocupada.

ART 15º- Só feirante cadastrado poderá vender produtos na Feira, não podendo dar a carteira a outros.

§ 1º - O titular pode indicar sua esposa e filhos para venderem seus produtos desde que receba carteira para os mesmos.

§ 2º - Os dependentes receberão carteiras com o mesmo número de registro do titular, com a anotação de "dependente".

ART 16º- A matrícula do feirante será feita após comprovar que é produtor rural.

§ 1º - Cada feirante deverá atualizar anualmente sua carteira de saúde.

§ 2º - A confecção da carteira será de responsabilidade da EMATER, a qual será fornecida gratuitamente a organização, até posterior resolução. Todo feirante será obrigado a trazê-la exposta na camisa em todos os dias de Feira.

§ 3º - A validade da carteira é de 6 meses.

§ 4º - A matrícula será renovada pagando-se no ato uma taxa, cujo valor será discutido e decidido pelos produtores na época.

§ 5º - Só o titular da carteira pagará a renovação.

§ 6º - O jovem de 16 anos deverá participar das reuniões.

§ 7º - O recurso arrecadado será depositado em Conta Bancária, em nome da Associação. A utilização do recurso será para cobrir despesas com papel de expediente, barracas, estrados e outros.

ART 17º- Cada feirante não poderá ter mais de uma matrícula.

ART 18º- Será permitida a transferência de matrícula:

- a) por morte do feirante, para o nome do herdeiro legal;
- b) por doença do feirante, para o nome do cônjuge ou filho.

ART 19º- No caso de falecimento ou mudança do titular ou dependente, com carteira deve ser comunicada à coordenação.

ART 20º- O feirante que agir contra as normas deste regulamento, perderá a sua carteira, sem direito a qualquer indenização.

ART 21º- A carteira será recolhida quando o produtor cometer as seguintes irregularidades:

- a) vender mercadorias estragadas ou contaminadas;
- b) vender mercadorias compradas de outros produtores ou comerciantes;
- c) fraudar os preços, medidas ou balanças;
- d) brigar ou ter mau comportamento;
- e) vender a grosso antes do horário permitido;
- f) dar a sua carteira para outras pessoas venderem;

- g) desrespeitar às normas deste regulamento; e
- h) deixar estrados na rua.

§ 1º - A carteira de um produtor só poderá ser cancelada após o assunto ser discutido com o representante e se necessário discutido na comunidade.

§ 2º - Nas comunidades onde não houver representante as carteiras não serão revalidadas até que seja eleito outro representante.

§ 3º - No momento em que o produtor for flagrado cometendo irregularidades e não acatar a orientação do fiscal, sua carteira deverá ser recolhida imediatamente e o assunto deve ser encaminhado a comunidade o mais urgente possível.

ART 22º- A fiscalização da Feira será realizada por um grupo de fiscais composta por produtores obedecendo à escala mensal elaborada para o fim.

§ 1º - Aos fiscais caberá também apresentar à coordenação um relatório das ocorrências havidas em cada feira.

§ 2º - A atividade dos fiscais é controlar o cumprimento das normas deste regulamento.

§ 3º - A fiscalização será feita por produtores que compõe a comissão fixa de fiscais, em sistema de rodízio.

§ 4º - Os fiscais do dia receberão uma gratificação correspondente a uma diária de um trabalhador rural para custear a alimentação e parte do trabalho da sua propriedade.

§ 5º - Para pagar as despesas com os fiscais, será cobrada

da uma taxa, por semana, de todos os produtores que estiverem vendendo na Feira. O valor será estabelecido após discussões com os produtores.

ART 23º- A SESPÁ fiscalizará a higiene, examinará os produtos, mandando retirar os que julgarem impróprios ao consumo.

ART 24º- Depois de descarregados, os veículos e animais deverão ser imediatamente retirados para outro local a fim de evitar acidentes ou prejudicar o trânsito.

ART 25º- É proibido o uso para quaisquer fim das árvores das ruas onde se realiza feira.

ART 26º- Não é permitido aos feirantes abandonarem mercadorias no local da feira devendo recolher toda sobra que não seja vendida.

§ Único - Toda sobra do produto estragado deve ser jogada nos camburões de lixo que serão colocados na rua a fim de facilitar a limpeza.

ART 27º- Na disciplina interna das feiras deve-se:

- 1) manter a ordem e o asseio;
- 2) assegurar o seu abastecimento;
- 3) proteger os produtores e consumidores contra manobras que possam prejudicar seus interesses.

§ Único - A manutenção da ordem e disciplina, bem como a segurança durante a feira estará a cargo da Polícia Militar, a qual deverá ser solicitada quando necessário pela coordenação e seus representantes.

ART 28º- Este regulamento entrará em vigor na data de sua publicação revogada às disposições em contrário

APÊNDICE B

Matrizes de correlação simples das funções
"feirante", "não feirante", "feirante e
não feirante".

TABELA B₁ - Matriz de correlação simples da função de produção Cobb-Douglas, "feirante", Santarém - Pará, ano agrícola 1987/88.

	Ln (Vp)	Ln (Tr)	Ln (Kv)	Ln (Kf)	Ln (Mo)
Ln (Vp)	1,00000	0,42970	0,73090	0,61552	0,22154
Ln (Tr)		1,00000	0,40007	0,44000	0,12976
Ln (Kv)			1,00000	0,42108	0,10596
Ln (Kf)				1,00000	0,08197
Ln (Mo)					1,00000

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA B₂- Matriz de correlação simples da função de produção Cobb-Douglas, "não feirante", Santarém-Pará, ano agrícola 1987/88.

	Ln (Vp)	Ln (Tr)	Ln (Kv)	Ln (Kf)	Ln (Mo)
Ln (Vp)	1,00000	0,66700	0,57692	0,51866	0,32534
Ln (Tr)		1,00000	0,37638	0,39414	0,25856
Ln (Kv)			1,00000	0,54107	0,10340
Ln (Kf)				1,00000	0,34789
Ln (Mo)					1,00000

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

TABELA B₃- Matriz de correlação simples da função de produção Cobb-Douglas, "feirante e não feirante", Santarém-Pará, ano agrícola 1987/88.

	Ln (Vp)	Ln (Tr)	Ln (Kv)	Ln (Kf)	Ln (Mo)
Ln (Vp)	1,00000	0,52787	0,67570	0,53752	0,22746
Ln (Tr)		1,00000	0,36872	0,40684	0,19868
Ln (Kv)			1,00000	0,49295	0,07690
Ln (Kf)				1,00000	0,19909
Ln (Mo)					1,00000

Fonte: Dados Básicos da pesquisa.

APÊNDICE C

Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) das variáveis "bem de consumo durável" e "compartimentos da moradia".

TABELA C₁ - Distribuição de frequências absoluta (A) e relativa (%) da variável bem de consumo durável, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), Santarém-Pará, 1989.

Categorias	Feirantes				Não Feirantes				X ²
	(A)		(%)		(A)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Mesa	68	-	100,00	-	67	1	98,53	1,47	1,0074
Cadeira	68	-	100,00	-	68	-	100,00	-	0,0000
Camã	59	9	86,76	13,24	58	10	85,29	14,71	0,0612
Armário de cozinha	43	25	63,24	36,76	33	35	48,53	51,47	2,9825
Guarda-roupa	21	47	30,88	69,12	17	51	25,00	75,00	0,5843
Relógio de parede	6	62	8,82	91,18	9	59	13,24	86,76	0,6744
Relógio de pulso	59	9	86,76	13,24	43	25	63,24	36,76	10,0392*
Rádio	51	17	75,00	25,00	61	7	89,71	10,29	5,0595**
Fogão a gás	59	9	86,76	13,24	51	17	75,00	25,00	3,0434
Ferro elétrico	15	53	22,06	77,94	7	61	10,29	89,71	3,4705
Televisão	20	48	29,41	70,59	12	56	17,65	82,35	2,6154
Refrigerador	13	55	19,12	80,88	9	59	13,24	86,76	0,8676
Máquina de costura	42	26	61,76	38,24	39	29	57,35	42,65	0,2747
Lavatório/pias	2	66	2,94	97,06	2	66	2,94	97,06	0,0000
Mosquiteiro	1	67	1,47	98,53	3	65	4,41	95,59	1,0303
Bicicleta	47	21	69,12	30,88	40	28	58,82	41,18	1,5632

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

* significativo ao nível de 1,0%

** significativo ao nível de 10%

TABELA C₂ - Distribuição de frequências absolutas (A) e relativas (%) da variável compartimento da moradia, segundo a categoria de produtores (feirantes e não feirantes), Santa rêm-PA, 1989.

Categorias	Feirantes				Não Feirantes				X ²
	(A)		(%)		(A)		(%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
Sala	65	3	95,59	4,41	63	5	92,65	7,35	0,5313
Cozinha dentro de casa	56	12	82,35	17,65	56	12	82,35	17,65	0,0000
Cozinha fora de casa	12	56	17,65	82,35	12	56	17,65	82,35	0,0000
Dispensa	7	61	10,29	89,71	4	64	5,88	94,12	0,8202
Banheiro dentro de casa	3	65	4,41	95,59	2	66	2,94	97,06	0,2076
Banheiro fora de casa	61	7	89,71	10,29	56	12	82,35	17,65	1,5295
Privada dentro de casa	1	67	1,47	98,53	1	67	1,47	98,53	0,0000
Privada fora de casa c/fossa	58	10	85,29	14,71	54	14	79,41	20,59	0,8095
Privada fora de casa s/fossa	9	59	13,24	86,76	11	57	16,18	83,82	0,2345

Fonte: Dados básicos da pesquisa.

APÊNDICE D

Preços médios reais mensais, no mercado atacadista de Santarém-PA, no período 1982/88, dos produtos: arroz beneficiado, feijão, milho e farinha de mandioca, em Cz\$/60 kg - março/86 = 100.

TABELA D₁ - Preços médios reais do arroz beneficiado (Cz\$/60kg) no mercado atacadista de Santa rêm-PA, 1982/88.

Meses	Anos											
	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988					
Janeiro	619,50	657,60	409,90	400,10	326,50	277,10	262,20					
Fevereiro	642,30	734,40	290,04	442,84	345,29	295,07	383,97					
Março	631,56	730,88	331,96	512,85	330,52	314,08	346,68					
Abril	510,10	633,20	303,66	444,10	350,18	315,10	270,22					
Maiο	587,00	566,53	274,23	387,46	357,90	247,45	285,99					
Junho	528,14	402,73	276,25	401,88	322,12	212,12	265,68					
Julho	507,13	413,05	263,30	402,02	320,05	249,73	251,29					
Agosto	509,59	570,15	360,38	376,33	321,80	260,51	241,82					
Setembro	492,08	349,20	341,12	436,34	327,68	270,46	301,33					
Outubro	582,62	318,33	315,36	459,79	337,87	272,45	301,39					
Novembro	674,85	420,59	315,55	367,69	334,71	260,30	265,18					
Dezembro	611,53	474,73	355,23	369,51	290,79	271,79	369,85					

Fonte: Dados básicos do SIMA, deflacionados pelo índice de preços agrícolas (nível de atacado), FGV. (anexo 1): março/86 = 100.

TABELA D₂ - Preços médios reais de feijão* (Cz\$/60kg) no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Anos											
	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988					
Janeiro	885,08	409,49	879,53	479,71	384,95	571,03	528,97					
Fevereiro	857,63	558,37	1.027,27	475,97	457,88	583,81	522,68					
Março	868,71	523,18	1.144,83	385,27	478,42	542,00	570,28					
Abril	866,59	519,95	1.684,65	374,81	497,39	592,42	496,23					
Mai	1.111,36	533,01	1.274,25	349,17	459,53	821,89	470,75					
Junho	941,14	652,32	850,47	433,70	433,64	700,84	349,86					
Julho	864,81	744,35	702,09	596,22	412,37	596,36	262,62					
Agosto	733,10	628,30	412,04	274,84	316,17	488,09	272,57					
Setembro	609,13	689,54	679,32	257,73	329,64	455,46	309,01					
Outubro	557,64	808,46	573,52	400,82	349,00	393,89	334,56					
Novembro	549,60	964,01	513,55	293,79	391,45	454,33	333,79					
Dezembro	480,67	830,84	500,07	447,16	415,18	532,69	347,96					

Fonte: Dados básicos do SIMA, deflacionados pelo índice de preços agrícolas (nível atacado),

FGV. (anexo 1): março/86 = 100.

* somente feijão canarinho, manteiguinha e da colônia.

TABELA D₃ - Preços médios reais do milho (Cz\$/60kg) no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Anos											
	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988					
Janeiro	172,18	222,51	151,17	138,01	214,37	196,78	183,87					
Fevereiro	181,68	247,65	150,27	152,13	177,03	199,79	205,80					
Março	184,75	302,67	194,94	183,16	175,89	193,50	105,01					
Abril	162,87	353,25	234,64	226,78	154,68	205,07	239,79					
Maiο	162,89	252,41	253,60	134,00	124,33	174,83	190,08					
Junho	121,06	205,74	280,45	143,84	123,33	119,28	96,03					
Julho	110,02	177,21	233,54	147,51	117,18	115,54	112,09					
Agosto	188,70	137,35	86,83	136,70	129,23	128,40	106,28					
Setembro	199,90	154,38	82,10	152,32	155,54	130,76	144,14					
Outubro	195,30	176,35	83,14	167,16	167,82	132,29	119,21					
Novembro	214,52	166,38	83,85	148,38	176,20	124,40	125,22					
Dezembro	219,10	156,97	106,92	169,92	174,51	148,82	134,31					

Fonte: Dados básicos do SIMA, deflacionados pelo índice de preços agrícolas (nível atacado), FGV. (anexo 1): março/86 = 100.

TABELA D₄ - Preços médios reais da farinha de mandioca (Cz\$/60kg) no mercado atacadista de Santarém-PA, 1982/88.

Meses	Anos											
	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988					
Janeiro	310,08	353,53	249,29	210,86	261,83	261,08	295,46					
Fevereiro	306,60	484,89	270,82	200,84	230,52	359,73	435,39					
Março	267,70	512,92	250,66	179,79	206,39	388,62	460,37					
Abril	222,18	618,14	244,52	170,08	200,40	354,51	372,22					
Maió	255,06	385,69	209,72	190,89	213,80	279,33	327,81					
Junho	296,20	340,37	207,22	213,11	239,09	245,34	260,39					
Julho	279,22	311,32	195,56	224,95	227,32	208,25	234,36					
Agosto	273,91	268,40	182,69	191,66	223,52	218,44	185,58					
Setembro	287,03	231,76	197,07	200,42	208,78	241,73	208,27					
Outubro	349,48	229,32	194,04	275,46	242,65	311,58	206,09					
Novembro	372,48	242,37	242,08	309,65	251,33	269,76	194,17					
Dezembro	345,53	234,58	233,65	283,93	262,90	255,33	184,93					

Fonte: Dados básicos do SIMA, deflacionados pelo índice de preços agrícolas (nível de atacado), FGV. (anexo 1): março/86 = 100.

